



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**SÍLVIA FERNANDA
NASCIMENTO LIMA**

**OS SENTIDOS DAQUILO QUE INSISTE:
UM ESTUDO SOBRE A REPETIÇÃO NA OBRA FREUDIANA**

**Niterói
2025**

SÍLVIA FERNANDA NASCIMENTO LIMA

**OS SENTIDOS DAQUILO QUE INSISTE: UM ESTUDO SOBRE A
REPETIÇÃO NA OBRA FREUDIANA**

Trabalho de Conclusão
apresentado ao Curso de
Graduação em Psicologia do
Instituto de Psicologia da
Universidade Federal
Fluminense, como requisito
parcial para obtenção do
grau de Bacharel em
Psicologia. Orientador(a):
Prof^a. Dr^a. **FLÁVIA GAZE
BONFIM**. Coorientador(a):
Prof^a. Dr^a. **FLAVIA LANA
GARCIA DE OLIVEIRA**

**Niterói
2025**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

L732s Lima, Sílvia Fernanda Nascimento
 Os sentidos daquilo que insiste : Um estudo sobre a
 repetição na obra freudiana / Sílvia Fernanda Nascimento
 Lima. - 2025.
 67 f.

 Orientador: Flavia Gaze Bonfim.
 Coorientador: Flavia Lana Garcia De Oliveira.
 Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
 Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2025.

 1. Psicanálise. 2. Repetição. 3. Pulsão. 4.
 Transferência. 5. Produção intelectual. I. Bonfim, Flavia
 Gaze, orientadora. II. De Oliveira, Flavia Lana Garcia,
 coorientadora. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto
 de Psicologia. IV. Título.

CDD - XXX

TERMO DE APROVAÇÃO

SÍLVIA FERNANDA NASCIMENTO LIMA

**OS SENTIDOS DAQUILO QUE INSISTE: UM ESTUDO SOBRE A
REPETIÇÃO NA OBRA FREUDIANA**

**Trabalho de Conclusão aprovado pela Banca Examinadora do Curso de Graduação
em Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF**

Niterói, de dezembro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Flávia Gaze Bonfim (UFF) - Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Flavia Lana Garcia de Oliveira (UFF) - Coorientadora

Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro Costa (UFF)

Prof. Dr. Maycon Rodrigo da Silveira Torres (UFF)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem me transmitido a importância da leitura e dos estudos, me permitindo trilhar todos os caminhos que me trazem aqui.

À minha mãe Silvana, por ter me feito ver o mundo com os seus olhos, que transbordam com a sua sensibilidade e o seu amor. Sem a sua presença atenciosa, durante todos esses anos, eu não estaria aqui da forma que estou.

Ao meu pai Silvio, por ter me dado o seu nome e com isso ter me marcado com a sua grandeza. Obrigada por todo o cuidado e por nunca ter medido esforços para me incentivar de todas as formas que pôde.

Ao tio Jorge (*in memoriam*), por ter abarrotado o meu mundo infantil de livros.

Ao tio Carlinhos (*in memoriam*), por ter me presenteado com o seu carinho, ainda que não tenha dado tempo da gente se encontrar uma última vez.

À Yasmin, meu amor, por ter aparecido como um milagre e mudado tudo. Poder compartilhar esse percurso com você tem sido um suspiro. A passagem dos dias não é mais a mesma desde que eu comecei a dividi-los com você.

Aos meus amigos, Letícia, Mafe, Isabella, Gabriela, Paula, Brian, Gabriella, Larissa, Arthur, Ana Clara, Mel, Cris, Gabriel e Julia, por me acompanharem e por me permitirem acompanhar vocês. Cada um, à sua maneira, deixou marcas que guardo com imenso amor.

À Ana Claudia Monteiro, por ter transformado o meu modo de ver tantas coisas. Existe um “antes” e um “depois” de ter aula com você.

À Lilia Lima e Jacqueline Sardinha, minhas supervisoras de estágio na AFR, por terem contribuído de forma inestimável para a minha formação profissional.

À Flavia Lana, pela orientação e pela transmissão rigorosa, responsável por despertar o meu desejo pela psicanálise. Seu trabalho de docência me possibilita aprendizados que transcendem em muito o que eu poderia encontrar nos livros.

À Flávia Bonfim, por ter recebido o meu trabalho, pela orientação cuidadosa e pela transmissão instigante. Me sinto muito sortuda de ter tido a oportunidade de encontrá-la nesse final de graduação.

Aos professores Carlos Costa e Maycon Torres, pela generosidade ao aceitarem compor a banca examinadora desta monografia.

Finalmente, à Universidade Federal Fluminense, por ter me acolhido na minha inocência e me apresentado universos. Serei eternamente grata.

RESUMO

O presente trabalho é uma abordagem polissêmica da repetição dentro do corpo teórico freudiano. Sob o plano de fundo da noção de permanência e de insistência dos conteúdos inconscientes, compreende-se que a repetição assume centralidade no que tange às operações efetuadas nos processos psíquicos. A partir de uma revisão bibliográfica, objetiva-se identificar as principais incidências do tema nesta obra, tendo em vista apontar para a relevância que a questão da repetição sustenta na articulação com conceitos fundamentais da psicanálise. Analisa-se a constituição sexual sob a ótica da etiologia da neurose, demarcando o fato de que o neurótico repete padrões infantis da sexualidade. Enquanto o recalcado permanece ativo e exige expressão, engendra-se uma infindável série de repetições por vias distorcidas e substitutivas. Adiante, discute-se a repetição enquanto princípio que constitui a operação mental fundante do desejo, tematizando a experiência primária de satisfação e a função prototípica que esta passa a desempenhar: a repetição é o modo pelo qual o desejo existe e insiste. A partir disso, pauta-se a questão da transferência, tanto no nível de um deslocamento do investimento pulsional de uma representação a outra, como no estatuto de conceito basilar para a clínica. O sujeito neurótico repete os modos de satisfação e de vinculação aos outros primordiais nas posteriores relações da vida, inclusive com o analista. É no campo da transferência que a repetição em ato (ou atuação) comparece ao tratamento, enquanto resistência e também como possível instrumento para a cura. Por fim, adentra-se o domínio do além do princípio do prazer para delimitar o modo pelo qual a compulsão à repetição precipita a modificação teórica que culminou na elaboração da pulsão de morte. Na sua forma mais primitiva e demoníaca, a repetição é retratada como qualidade elementar do psiquismo, como expressão mais pura da exigência pulsional. Na medida em que é constituinte e constitutiva dos processos psíquicos, demonstra-se irredutível a um fenômeno entre outros. Portanto, a onipresença do tema da repetição na obra freudiana se evidencia na possibilidade de articulação da significação ampliada do conceito com uma multiplicidade de outras conceituações basilares do corpo teórico de Freud.

Palavras-chave: Repetição. Retorno. Compulsão. Pulsão. Transferência.

RESUMEN

El presente trabajo es un enfoque polisémico de la repetición dentro del cuerpo teórico freudiano. A partir de la noción de permanencia e insistencia de los contenidos inconscientes, se entiende que la repetición asume un papel central para las operaciones realizadas en los procesos psíquicos. Con una revisión bibliográfica, se pretende identificar las principales incidencias del tema en esta obra, con el fin de señalar la relevancia que la cuestión de la repetición tiene en la articulación con conceptos fundamentales del psicoanálisis. Se analiza la constitución sexual desde la perspectiva de la etiología de la neurosis, destacando el hecho de que el neurótico repite patrones infantiles de sexualidad. Mientras lo reprimido permanece activo y exige expresión, se engendra una serie interminable de repeticiones por vías distorsionadas y sustitutivas. A continuación, se discute la repetición como principio que constituye la operación mental fundante del deseo, tematizando la experiencia primaria de satisfacción y la función prototípica que esta pasa a desempeñar: la repetición es la forma en que el deseo existe e insiste. A partir de ahí, se plantea la cuestión de la transferencia, tanto en el nivel de un desplazamiento de la inversión pulsional de una representación a otra, como en el estatuto de concepto básico para la clínica. El sujeto neurótico repite los modos de satisfacción y de vinculación con los demás primordiales en las relaciones posteriores de la vida, incluso con el analista. Es en el campo de la transferencia donde la repetición en acto (o actuación) aparece en el tratamiento, como resistencia y también como posible instrumento para la curación. Por último, se adentra en el dominio más allá del principio del placer para delimitar la forma en que la compulsión a la repetición precipita la modificación teórica que culminó en la elaboración de la pulsión de muerte. En su forma más primitiva y demoníaca, la repetición se retrata como una cualidad elemental de la psique, como la expresión más pura de la exigencia pulsional. En la medida en que es constitutiva y constitutiva de los procesos psíquicos, se demuestra irreductible a un fenómeno entre otros. Por lo tanto, la omnipresencia del tema de la repetición en la obra freudiana se evidencia en la posibilidad de articular el significado ampliado del concepto con una multiplicidad de otras conceptualizaciones básicas del cuerpo teórico de Freud.

Palabras clave: Repetición. Retorno. Compulsión. Pulsión. Transferencia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - AS MARCAS DO INFANTIL E O RETORNO DO RECALCADO.....	12
1.1 A constituição sexual e a etiologia da neurose: fixação, frustração, regressão e repetição	12
1.2 Repetição e vinculações de sentido nas formações sintomáticas.....	19
CAPÍTULO 2 - O PSIQUISMO ENTRE A REPETIÇÃO E A TRANSFERÊNCIA.....	27
2.1 Substituições e reencontros: os efeitos da vivência de satisfação no aparelho psíquico....	28
2.2 A reedição do desejo como faceta de repetição do fenômeno transferencial.....	31
2.3 A repetição em ato na situação analítica e os caminhos para a recordação.....	37
CAPÍTULO 3 - A COMPULSÃO À REPETIÇÃO PARA ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER.....	44
3.1 Os fenômenos de repetição do desprazer: a origem de uma modificação teórica.....	44
3.2 Pulsão de morte e a radicalidade da repetição.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	62

INTRODUÇÃO

Seja na condição de questão abordada por menção explícita ou de qualidade constituinte dos processos psíquicos, a ideia de repetição permeia toda a estruturação da teoria freudiana, desde a gênese conceitual do inconsciente até os últimos desdobramentos da concepção de pulsão de morte. Tal asserção pode ser observada na conjectura do estado de desejo como produto de uma perda originária da plenitude de satisfação pulsional, conjugada à permanência do objeto de investimento no registro psíquico, que inaugura uma tentativa de repetição – sempre malograda – da vivência de satisfação. Na ausência do objeto real, um processo de deslocamentos e substituições pelo campo das representações se funda no inconsciente, em uma busca que há de perdurar *ad infinitum* devido à lacuna que irremediavelmente implica. O mecanismo do recalque, fundante da neurose, incide sobre esse processo, de modo que, na convergência entre a indestrutibilidade dos conteúdos inconscientes e a pressão constante por descarga exercida pelas pulsões, um trabalho compensatório mediante vias alternativas e distorcidas de expressão deve sobrevir.

Nesse sentido, as formações do inconsciente revelam sempre um retorno transfigurado de algo que não pôde expressar-se de outro modo, o que justifica a onipresença da ideia de uma dinâmica de repetição nas construções teóricas freudianas. Ainda nessa perspectiva, sublinha-se o postulado de Freud de que haveria no psiquismo uma compulsão à repetição enraizada na natureza mesma da pulsão, sendo esta última determinada por uma tendência de retorno a um estado anterior que, em última instância, diz respeito ao retorno ao inanimado.

A escolha pelo tema da repetição se produziu em um movimento de retorno aos fundamentos. Primeiro, opto por uma temática que conjuga campos de dedicação que representam dois momentos distintos da minha graduação; nos primeiros períodos, a psicologia social, nos últimos, a teoria psicanalítica. No contexto de início de prática clínica no SPA e de aproximação com o trabalho da prof^a dr^a Flavia Lana Garcia de Oliveira, havia decidido pautar as neuroses contemporâneas, com o enquadramento específico dos fenômenos da ordem do excesso, da repetição e das compulsões, em articulação com questões do laço social. Além da pertinência aos casos tratados na clínica-escola, a temática se demonstra crucial para pensar as mais variadas facetas da clínica contemporânea.

Quando iniciei a escrita, me vi diante da tarefa de produzir um trabalho de conclusão de curso a partir de um material complexo, fundamentado amplamente em discussões

lacanianas, sobre as quais, considerando o momento da minha formação, julguei não possuir domínio o suficiente para sustentar um texto tão bem embasado e articulado quanto eu gostaria. Recuperei algo do que a prof^a Flavia havia dito algumas vezes nas supervisões do estágio, a respeito da importância de respeitar a lógica da formação, de não “colocar a carroça na frente dos bois”. Conclui, nesse sentido, que ainda existiam lacunas a serem preenchidas nos meus estudos da obra de Freud, com as quais eu precisava me haver antes de ambicionar me referir aos ensinamentos de Lacan. Poderia ter mantido o tema, trazendo a discussão para o nível das teorizações freudianas. No entanto, decidi que gostaria de trabalhar na construção de bases mais sólidas, tendo em vista um percurso acadêmico continuado, que possibilitaria que o tema escolhido a princípio fosse abordado mais propriamente em momento posterior. Então, dou um passo para trás, da neurose contemporânea para a neurose clássica, das compulsões atreladas aos excessos da contemporaneidade para a repetição inerente ao psiquismo.

A importância da abordagem desta temática se evidencia na afirmação de Simanke (2024) de que, mesmo quando o termo “repetição” não comparece propriamente dito nas elaborações freudianas, ela é trabalhada sob outras roupagens e perpassa a produção intelectual de Freud de ponta a ponta. Não por acaso, Lacan ([1964]/2008) localiza a repetição como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, ao lado do inconsciente, da transferência e da pulsão, três elementos que também podem ser observados como intrinsecamente relacionados a uma qualidade repetitiva. É segundo esta perspectiva que Mezan (2013) atribui à repetição o estatuto de princípio transcendental, irreduzível a um fenômeno entre outros observados na neurose, enquanto aquilo “sem cuja presença tais fenômenos não poderiam ser dados a experiência, quer do paciente, quer do analista: ali porque opera no âmago do sujeito, aqui porque funda a transferência e portanto regula a marcha da cura” (Mezan, 2013, p. 333). O termo transcendental, nessa concepção, é empregado em sua acepção kantiana, isto é, como condição a priori de possibilidade e de limites de um fenômeno. Assim, a repetição pode ser concebida como estruturante dos processos psíquicos, condição de possibilidade da pulsão e a maneira como esta se manifesta.

Nesse panorama, partimos da hipótese de que pensar a repetição implica perpassar alguns dos temas mais fundamentais da psicanálise: o enfoque dessa unidade de análise permite a discussão de mecanismos elementares do aparelho psíquico, de vários aspectos da neurose e também de questões práticas do tratamento psicanalítico. Desse modo, na presente monografia, objetiva-se realizar uma revisão bibliográfica que contemple o estatuto da repetição na obra freudiana, a fim de delimitar quais seriam as principais incidências desta

temática no pensamento de Freud, sobretudo no que diz respeito ao campo das neuroses. A definição do escopo do trabalho visa ampliar os sentidos da repetição, indo além das menções mais explícitas e diretas para explorar, também, conceituações que podem ser articuladas à dinâmica repetitiva e repetidora do psiquismo.

O primeiro capítulo objetiva esmiuçar os mecanismos etiológicos da neurose, a fim de demonstrar o nexo entre a constituição do funcionamento neurótico e a repetição de modalidades de satisfação infantis que este inevitavelmente engendra. Tal funcionamento repetitivo é subsidiado pelo fato de que, durante o desenvolvimento da organização sexual, a pulsão se fixou a certos modos e objetos de satisfação, produzindo uma dependência em relação a um tempo no qual a libido não encontrava tantos entraves para se satisfazer. Essa insistência, atrelada à dificuldade de dissolução das fixações, esbarra nas impossibilidades postas pela realidade compartilhada. No caso de uma frustração na meta de satisfazer a libido e da consequente regressão desta aos pontos de fixação, a produção de efeitos patogênicos sobrevém como desdobramento da incumbência do Eu de fazer valer as restrições que se impõem como requisito para a adesão ao laço social. Esse esforço, porém, não é capaz de produzir uma obliteração, apenas uma omissão na passagem de um sistema a outro: os complexos primários são omitidos da consciência, mas permanecem ativos no inconsciente, se mantendo indestrutíveis, proliferando e formando novas conexões.

O recalcado se debate contra a interdição; ele resiste e insiste em se manifestar por meio de apresentações desfiguradas. Os sintomas são exemplares dessa expressão indireta e, por esse motivo, guardam vinculações de sentido com este material. Em um entrelaçamento com os elementos da atualidade, eles repetem uma forma infantil de satisfação, distorcida em virtude da censura e transformada em sofrimento (Rinaldi, 2019). Nessa perspectiva, evoca-se, nesta parte do trabalho, a tese de que o retorno do recalcado se traduz em uma repetição transfigurada da busca pela satisfação do desejo (Paim Filho, 2010).

O segundo capítulo parte de certos aspectos dinâmicos do funcionamento do aparelho psíquico para tratar do fenômeno da transferência sob a luz da repetição, nos variados sentidos que a palavra comporta. Aborda-se a vivência primária de satisfação, que motiva o reinvestimento pulsional da imagem mnêmica do objeto viabilizador desta satisfação na tentativa de repetí-la. É esse esforço de restabelecimento que funda o desejo, marcado por uma busca infundável pelo reencontro com o objeto perdido: a repetição é o modo pelo qual o desejo existe e insiste (Mezan, 2013). A constância da força pulsional resulta em uma perturbação também constante do psiquismo, que se vê na tarefa de regulá-la mediante certos

procedimentos funcionais. Essa dinâmica guarda nexos com a transferência, que foi retratada no primeiro plano desta parte do texto como relativa a uma solução do aparelho psíquico perante as interdições impostas ao desejo e a hiância entre a satisfação esperada e a obtida. Esse desencontro é condição para que um processo de deslocamento se instaure no investimento de representações substitutivas, as quais atualizam os protótipos da vida sexual primária e propiciam a repetição de padrões arcaicos de satisfação nas posteriores vinculações do sujeito, inclusive com o analista. Nesse sentido, aprofunda-se no tema da repetição tal como ela se apresenta no campo transferencial dentro do contexto do tratamento, analisando-a sob o viés da atuação como substituta da recordação.

O terceiro e último capítulo aborda a compulsão à repetição sob o ponto de vista econômico do funcionamento do aparelho psíquico, mais especificamente no que diz respeito à produção e ao manejo do desprazer. Em consonância com as investigações nas quais Freud objetivou controverter a hegemonia do princípio do prazer, analisa-se a questão dos sonhos traumáticos, das brincadeiras infantis, da repetição no campo da transferência e do eterno retorno do mesmo encadeamento de acontecimentos na vida de certos sujeitos. Tendo em vista as teorizações até então vigentes sobre os princípios regentes do psiquismo, como explicar a manifestação de tais fenômenos, que propiciam de modo insistente a repetição daquilo que seria fonte de sofrimento? Seria possível inferir a presença de uma obtenção de prazer de outro tipo, como é o caso da satisfação substitutiva proporcionada pelo sintoma? Ou trata-se de algo que escapa absolutamente do domínio do princípio do prazer? Se a repetição expressa o caráter essencial da exigência pulsional, o sentido dessa exigência precisaria ser repensado (Simanke, 2024). O ápice da proeminência da temática da repetição na obra freudiana se encontra aqui, na elaboração da tese de que o objetivo final da pulsão seria o de retornar a um estado anterior; no caso das pulsões de vida, trata-se de uma retomada de uma experiência de satisfação, no das pulsões de morte, do retorno ao inanimado.

Partimos do ponto de que a repetição comporta a ideia de algo que subsiste e que insiste em se manifestar. Sabemos que, contra o inconsciente, não há cura. Na colisão de duas temporalidades distintas, um estranho familiar irrompe e impõe que façamos algo com isso. Quais seriam, então, os sentidos daquilo que insiste?

CAPÍTULO 1 - AS MARCAS DO INFANTIL E O RETORNO DO RECALCADO

A constituição sexual de cada sujeito neurótico implica a produção de uma clivagem operada pelo recalque: enquanto certos elementos da sexualidade infantil são admitidos para compor a coesão do Eu, outros são rechaçados, excluídos dessa organização que é regida por um regimento simbólico pautado em convenções e interdições. Todavia, não se trata de uma obliteração desse conteúdo, que subsiste e insiste em retornar mediante formações substitutivas. A fim de esclarecer os pormenores deste processo, cabe, de início, abordar o encadeamento dos principais mecanismos etiológicos da neurose: fixação, frustração e regressão. Seguindo essa linha, chega-se na questão dos sintomas, na qualidade de formação substitutiva que assume centralidade no quadro neurótico e que pode ser interpretada como uma figura importante da repetição na obra freudiana. Os sintomas, representam algo, relativo aos restos do trabalho psíquico de civilização das pulsões, que se repete de modo cifrado. O retorno do recaiado, assim, se constitui em uma vinculação de sentido com esse “algo” que insiste — a despeito da passagem do tempo cronológico — e que é enigmático e irreconhecível para o Eu, apesar de ser profundamente familiar.

1.1 A constituição sexual e a etiologia da neurose: fixação, frustração, regressão e repetição

A etiologia da neurose é fundamentalmente vinculada a um infantilismo da sexualidade, isto é, a atividade sexual vivenciada na infância, assim como as construções de fantasia¹ que a contornam, prescrevem as posteriores condições para a sexualidade do sujeito neurótico (Freud, [1913b]/2010), de modo que a essência desse tipo de adoecimento se encontra nas perturbações dos processos sexuais (Freud, [1906]/2016). Tal concepção se justifica pelo fato de que a constituição sexual deixa marcas – referentes a investimentos objetivos² e a modalidades de satisfação – nas quais as pulsões³ permanecem fixadas,

¹ O âmbito da fantasia diz respeito a construções imaginárias da realidade psíquica que propiciam satisfação pulsional, a cenas da ordem do intrapsíquico que revelam o modo como o sujeito deseja e como representa para si mesmo a sua história (Roudinesco; Plon, 1998).

² O conceito de investimento diz respeito à energia psíquica (ou pulsional) atribuída a um objeto ou a uma representação.

³ “Por ‘instinto’ [pulsão] não podemos entender, primeiramente, outra coisa senão o representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir, à diferença do “estímulo”, que é produzido por

potencialmente produzindo regressões e, por conseguinte, repetições ao longo da vida. Apesar das tentativas de censura desses prazeres, que se verificam incompatíveis com a adesão ao laço social, os desejos inconscientes guardam a característica de serem indestrutíveis, permanecendo sempre ativos, posto que “no inconsciente nada chega ao fim, nada passa ou é esquecido” (Freud, [1900]/2010, p. 630).

Essa sexualidade, entretanto, não pode ser pensada em termos comuns. A concepção freudiana da função sexual suspende a coincidência entre “sexual” e “genital”, ampliando o que se entende por sexualidade para além dos parâmetros reprodutivos da vida adulta. Nesse sentido, Freud ([1905b]/2016) introduz um ponto de ruptura com o senso comum da época e com o discurso médico instituído, os quais se alinhavam à ideia de que a pulsão sexual estaria absolutamente ausente no período da infância. É precisamente no estudo aprofundado das manifestações sexuais infantis que ele alcança a formalização de uma teoria que pauta a divisão da organização sexual em fases do desenvolvimento, sendo esta imprescindível para a compreensão da etiologia das neuroses: são os tropeços nesse desenvolvimento que subsidiam as condições de um adoecimento posterior. Atesta-se que nem sempre todas as fases correm igualmente bem e são inteiramente superadas, de forma que partes da função sexual ficam retidas de maneira perdurável nos estágios iniciais (Freud, [1917d]/2014).

Esses estágios dizem respeito às fases chamadas pré-genitais (Freud, [1905b]/2016), nas quais a função libidinal assume um caráter ainda fragmentado, marcado pela atividade autônoma das pulsões parciais; estas não se organizam em torno de uma imagem corporal unificada, são independentes umas das outras e possuem como meta a satisfação por meio do estímulo de zonas erógenas do próprio corpo. Tal satisfação deve ter sido vivenciada em momento anterior, de maneira que uma necessidade de repetição se impõe como uma exigência de trabalho ao psiquismo, proveniente de uma fonte somática. Em cada fase, observa-se o predomínio de uma determinada zona, a qual corresponde também a uma certa modalidade de relação objetal.

Na organização oral (ou canibalesca), a boca se apresenta como o primeiro órgão que, quando estimulado, proporciona prazer. Inicialmente, a pulsão oral apoia-se na necessidade de nutrição. Depois, vem a alcançar uma autonomia de qualidade sexual, de modo que a criança passa a realizar o ato de sugar na tentativa de repetir a sensação de prazer obtida anteriormente. Nessa fase, a relação de objeto é marcada pela meta de incorporação, a qual

excitações isoladas oriundas de fora. Assim, “instinto” [pulsão] é um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico” (Freud, [1905b]/2016).

constitui o modelo para o que mais tarde será a identificação, operação que terá papel psíquico importante na constituição subjetiva. Identificar-se com um objeto é devorar o objeto, colocá-lo para dentro de si, isto é, incorporá-lo (Guimarães; Celes, 2007). Já na organização sádico-anal, tem-se a predominância do estímulo da zona erógena anal, por meio da qual entra em cena a polaridade sexual atividade-passividade. Trata-se do instinto de apoderamento através da musculatura do corpo, referente ao ato de reter e à atividade de expelir. Freud ([1913a]/2010) estabelece uma relação entre a produção de um ponto de fixação nessa fase e a predisposição à neurose obsessiva, por exemplo.

Em larga medida, a dinâmica da sexualidade infantil há de ser interrompida em favor de um trabalho de civilização das pulsões, as quais podem, então, voltar-se a objetivos ligados ao laço social. A tomada das figuras parentais como objetos de investimento erótico que ocorre na primeira infância, marcada por construções de fantasia que vão do amor ao ódio, da excitação ao ímpeto à destruição, se revela impossível na convergência com a interdição da lei simbólica. Na base da neurose, há uma afirmação inicial deste fato, que possui influência preponderante sobre o sujeito: o neurótico foi capaz de renunciar, de admitir as limitações impostas pelo real à satisfação indiscriminada. Entre o prazer e a angústia, o conflito do complexo de Édipo desemboca na dessexualização dos pais. Nesse sentido, a inscrição do impossível efetivou-se pela via da castração, o que se traduz em uma contenção das tendências edípicas, incompatíveis com as atividades ligadas à experiência da cidadania. Contenção, entretanto, não é equivalente a um desaparecimento:

[...] o Édipo não é apenas uma crise sexual de crescimento, é também a fantasia que essa crise molda no inconsciente infantil. Com efeito, a experiência vivida do terremoto edipiano fica registrada no inconsciente da criança e perdura até o fim da vida como uma fantasia que definirá a identidade sexual do sujeito, determinará diversos traços de sua personalidade e fixará sua aptidão a gerir os conflitos afetivos (Nasio, 2007).

O que significa, então, essa contenção? Como efeito da adesão ao laço social, o Eu emerge enquanto função psíquica que realiza a mediação entre as exigências pulsionais do Id⁴ e as exigências do mundo externo. Tal agente mediador, à serviço da realidade e ordenado

⁴ O Id é a instância do aparelho psíquico concebida como o “grande reservatório” da energia pulsional, na qual subsistem os conteúdos inconscientes que proliferam e se organizam sem consideração pelos dados da realidade (Laplanche; Pontalis, [1982]/2022).

pelo Supereu⁵, efetiva o mecanismo fundamental da neurose, o recalque, interditando, assim, os impulsos do Id, defendendo-se deles (Freud, [1923]/2011).

O recalque, no entanto, não incide sobre a pulsão propriamente dita, posto que esta só pode ser conhecida por seus representantes psíquicos: o representante ideativo e o afeto. A esse respeito, Freud esclarece: “Um instinto⁶ não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que o representa. Mas também no inconsciente ele não pode ser representado senão pela ideia” (Freud, [1915a]/2010, pp. 114-115). O conteúdo recalcado consiste, portanto, somente no representante ideativo da pulsão, enquanto o afeto não pode ser rechaçado ao inconsciente, posto que é de sua natureza que seja sentido. Nesta separação entre os representantes da pulsão que o recalque promove, o afeto pode continuar como é, em todo ou em parte; se transformar qualitativamente, sobretudo em angústia; ou ser suprimido, tendo o desenvolvimento impedido. Nessa perspectiva,

[...] o que o recalque faz é operar uma cisão no universo simbólico do sujeito, reduzindo uma parte desse universo ao silêncio, recusando-lhe o acesso à fala, e também, evidentemente, recusando-lhe o acesso à consciência. O recalque impede a passagem da imagem à palavra. No entanto, isso não elimina a representação, não destrói sua potência significante. Dito de outra maneira, o recalque não elimina progressivamente o inconsciente. Ao contrário, [...], ele não apenas não o elimina como na verdade o constitui. E esse inconsciente constituído pelo recalque *continua insistindo* no sentido de possibilitar uma satisfação da pulsão (Garcia-Roza, [1995]/2008, p. 176, grifo próprio).

Freud propõe que esse mecanismo se fundamenta em dois momentos. Primordialmente, no que ele chama de recalque primário, o representante ideativo⁷ da pulsão tem o acesso negado à consciência. Não obstante, tal representante persiste inalterável a nível inconsciente, assim como a ligação da pulsão a ele, de maneira que se produz uma fixação, conceito que será melhor explicitado mais adiante. Em um segundo estágio, tem-se o recalque propriamente dito, que age sobre os derivados psíquicos do material recalcado e sobre as cadeias de pensamento que possuem vínculo associativo com este (Freud, [1915a]/2010). Essas formulações revelam que o recalque não implica a obliteração daquilo que foi

⁵ O Supereu pode ser descrito como a instância constituída pela introjeção da autoridade e das interdições parentais na dissolução do complexo de Édipo, englobando o parâmetro dos ideais, a consciência moral e a função crítica e coercitiva frente ao Eu (Laplanche; Pontalis, [1982]/2022).

⁶ Apesar da utilização dos volumes da editora Companhia das Letras, sustentamos a preferência pela tradução “pulsão”, e não “instinto”, para a palavra alemã *Trieb*.

⁷ Esses representantes, enquanto inconscientes, são imagens do objeto ou de algo do objeto que se inscrevem nos sistemas de memória; reduzem-se ao imaginário, sobretudo ao imaginário visual, em contraposição à representação-palavra, característica do sistema Pcs-Cs (Garcia-Roza, [1994]/2009).

censurado, visto que interfere apenas na relação do recalco com o sistema Cs. A nível inconsciente, o representante ideativo da pulsão se desenvolve de maneira mais desimpedida, se organizando, formando derivados e estabelecendo associações. Em outras palavras, o desinvestimento não é completo; os restos dos complexos mais primários da vida psíquica permanecem ativos na fantasia inconsciente em estado latente, podendo retornar e ser atualizados posteriormente mediante algum acontecimento, alguma mudança de condições que diz respeito à libido⁸ da pessoa. Sustenta-se, logo, a fórmula de que os neuróticos mantêm o estado infantil de sua sexualidade ou são remetidos de volta a ele (Freud, [1905b]/2016).

Depreende-se, nesse viés, a importância etiológica da fixação⁹, descrita por Freud ([1917d]/2014) como a permanência de uma tendência sexual parcial em um estágio anterior do desenvolvimento da sexualidade, considerando a concepção teórica freudiana de uma progressão ordenada da libido que pode ser observada em fases. Trata-se de uma ligação particularmente estreita da pulsão ao objeto com o qual ela pode alcançar sua meta de satisfação. Tal conexão fundamenta-se durante a constituição sexual do sujeito, de modo que, ao opor-se firmemente à própria dissolução, ela coloca em questão a mobilidade libidinal, qualidade esta que é crítica no que diz respeito à saúde nervosa. Nesta perspectiva, Freud ([1912c]/2010) observa, através da experiência com a prática analítica, o fato de que todos os possíveis fatores causadores da neurose guardam relação com as vicissitudes da libido perante algum tipo de frustração da satisfação. A propósito da relação entre fixação e frustração, Freud sintetiza:

[...] um desenvolvimento incompleto da libido deixa para trás numerosas e, eventualmente, variadas fixações libidinais em fases anteriores da organização e da busca objetual, em sua maioria incapazes de real satisfação, e os senhores reconhecerão na fixação libidinal o segundo fator poderoso a causar o adoecimento, juntamente com a frustração. De maneira abreviada e esquemática, os senhores podem dizer que a fixação libidinal representa o fator interno predisponente, e a frustração, o fator acidental, externo, na etiologia das neuroses (Freud, [1917d]/2014, p. 460).

Em um estudo mais detalhado das diferentes modulações etiológicas do adoecimento neurótico, Freud ([1912c]/2010) descreve quatro tipos de causas, todos atrelados ao histórico de desenvolvimento da libido na constituição sexual do sujeito e às vivências por ele experimentadas; para os propósitos deste capítulo, basta um aprofundamento nas duas

⁸ Energia, ou grandeza quantitativa, da pulsão sexual.

⁹ Como complemento, vale citar: “[...] seria incompreensível a libido regressar regularmente à época infantil, se nesse passado nada houvesse a exercer atração sobre ela” (Freud, [1917g]/2014).

primeiras. A primeira causa descrita é a frustração pelo mundo externo. Houve, neste caso, que é sublinhado pelo autor como o mais comumente encontrado, uma perda de um objeto real que propiciava satisfação. O efeito patogênico da frustração decorre do aumento de tensão psíquica ligado ao represamento de libido. Isto é, posto que o aparelho psíquico é regulado por sensações da série prazer-desprazer, esse estímulo pulsional frustrado apresenta-se como uma força constante que coloca uma exigência de trabalho à psique, gerando desprazer devido à impossibilidade de descarga (Freud, [1915d]/2010).

Quando os fatores predisponentes ao adoecimento existem de maneira suficientemente desenvolvida e são reativados pela frustração, a libido pode tornar-se introvertida. Mais precisamente, quanto mais fortes forem as fixações estabelecidas durante o desenvolvimento libidinal, maiores serão as chances das dificuldades externas serem evitadas pelo sujeito, mediante uma regressão a essas fixações. Na introversão da libido, esta deixa de ser empregada na realidade e se volta à fantasia, uma defesa que favorece a satisfação pulsional na medida em que ocorre uma regressão a estruturas de desejo infantis que se mantêm ativas no inconsciente. Freud ([1917d]/2014) constata dois tipos de mecanismos regressivos encontrados nas neuroses: o retorno aos primeiros objetos de natureza incestuosa e o retorno da organização sexual a estágios que antecedem a fase genital. É nesse sentido que Simanke (2024) denomina o fenômeno da regressão como importante figura da repetição na obra freudiana, na medida em que o movimento regressivo da pulsão se traduz na repetição de estados antecedentes da sexualidade.

Com o aumento da intensidade dessas formações anteriores, tem-se o que caracteriza uma neurose clássica: um conflito entre o Eu e a fantasia. O Eu permanece ligado às exigências da realidade, e, nesse sentido, não admite a própria fantasia, a julga como inadmissível, resistindo a sua realização. Deste conflito, advém o sintoma, como uma formação de compromisso entre a fantasia inconsciente que busca realização e o Eu que não permite. Trata-se de uma derivação deformada do material recalado, um efeito do inconsciente no plano da consciência que assume formas distantes do conteúdo original. Enquanto o resultado desse processo é o adoecimento manifesto, os sintomas propiciam uma satisfação substitutiva para as tendências reprimidas. O tema da formação dos sintomas será explorado mais adiante, na próxima seção.

O segundo tipo de desencadeamento da neurose descrito por Freud ([1912c]/2010) diz respeito a uma frustração interna na meta de satisfação, a qual revela o valor de proeminência de certas tendências predisponentes do Eu, ligadas a uma incompletude do

desenvolvimento libidinal. Nesse sentido, as fixações em circuitos antigos da sexualidade se impõem de tal maneira a impedir um deslocamento: o adoecimento produz-se não por um entrave posto pela realidade, mas pela inépcia do sujeito de flexibilizar-se diante dela. Este tipo de conflito neurótico revela uma tendência de repetição mediante a insistência em permanecer no estado já instaurado das coisas, esforço este que compete com a tentativa de mudança diante das novas exigências da vida. Diante do chamado para assumir uma nova posição, o sujeito fracassa ao tentar trocar uma espécie de satisfação por outra, devido a dificuldades internas intransponíveis. Por conseguinte, a libido fica represada na medida em que as duas espécies de satisfação, a habitual e a desejada, são inibidas. Nesse caso, a introversão libidinal já existia em certa medida, pelo fato de que o desenvolvimento não logrou a completar o seu curso: dispensa-se uma regressão ao estágio infantil, visto que as fixações patogênicas já eram ativas anteriormente ao desencadeamento da neurose. Assim, nota-se que a fixação sozinha pode também assumir o valor de causa para a repetição, para a insistência das satisfações infantis, de forma independente da regressão.

Todas essas formulações são corroboradas na teoria freudiana pelo fato de que as pulsões, embora sejam causa última da atividade, possuem natureza conservadora; isto é, de cada estado alcançado por um sujeito decorre a ânsia pelo restabelecimento desse estado, tão logo que ele tenha sido abandonado (Freud, [1940]/2018). Portanto, apesar da estruturação de um neurótico como tal depender de uma renúncia, nota-se que não se trata de um golpe definitivo. Ao contrário, as formações de desejo referentes à infância permanecem proliferando “como que no escuro” (Freud, [1915c]/2010), produzindo repetições e afetando o funcionamento do sujeito neurótico na medida em que o Eu deve permanecer em um contínuo esforço de mantê-las afastadas da consciência. Nessa perspectiva, Freud ([1923]/2011) compara a relação entre o Eu e o Id com a situação de um cavaleiro que procura impor freios ao cavalo, mas que, para manter-se montado neste, precisa regularmente conduzi-lo aonde ele quer ir. Analogamente, o Eu – responsável pelo controle dos acessos à motilidade – transforma em ato as exigências do Id como se fossem próprias, de modo que os restos do trabalho de subjetivação da sexualidade insistem como repetição. Afastadas em seu conteúdo original, porém nunca absolutamente ausentes, essas tendências recalcadas da libido conseguem se impor por caminhos indiretos, por meio de certas desfigurações; trata-se do retorno do recalcado nos sintomas e em outras formações substitutivas.

1.2 Repetição e vinculações de sentido nas formações sintomáticas

Laplanche e Pontalis ([1982]/2022), em um estudo etimológico do termo alemão *Trieb*, que aparece na obra freudiana para designar a pulsão enquanto conceito fronteiro entre o psíquico e o somático, apontam para o sentido de impulsão (*treiben* = impelir) que a palavra imprime. A escolha por esse significante na elaboração teórica a respeito do funcionamento do aparelho psíquico revela a qualidade dinâmica desta excitação interna da qual o sujeito não pode escapar, apesar das infindáveis tentativas de esquiva que assumem diversas configurações. Assim, a pulsão, enquanto força constante originada no interior do organismo, impele à providência compulsória, na medida em que se revela irreduzível mediante ações de fuga (Freud, [1915d]/2010).

Como exposto anteriormente, a libido (ou a energia da pulsão sexual) frustrada em sua meta de satisfação precisa se direcionar para um lugar outro onde possa dar vazão à energia investida, conforme exige o princípio do prazer. Nessa perspectiva, Freud ([1923]/2011) teoriza que as pulsões sexuais provenientes do Id podem ser diferencialmente caracterizadas como plásticas, desviáveis e deslocáveis, o que resulta no fato de que são marcadas por uma certa indiferença quanto ao objeto através do qual a meta de satisfação será atingida. Ou seja, pouco importa por qual caminho a descarga ocorrerá, desde que ela se efetive. Então, como visto na seção anterior, uma possibilidade escapatória da frustração pela via da regressão é subsidiada pelas fixações inconscientes deixadas ao longo do desenvolvimento, referentes a antigas modulações de escolha objetal e a estágios anteriores da organização sexual.

O sujeito neurótico, portanto, sustenta uma dependência em relação a pontos específicos de seu passado nos quais a libido não encontrava entraves para se satisfazer (Freud, [1917f]/2014). Tal dependência traduz-se em um compromisso que o sujeito precisa estabelecer – também – com as satisfações que lhe foram interditas pela realidade a qual ele se submeteu, na medida em que o recalque se confirma enquanto um mecanismo que malogra. Só temos notícia de que houve uma censura porque esta não é absoluta; o recalcado tende ao retorno, que consiste em uma repetição transfigurada do conteúdo rechaçado. Sobre o nexos indissociável entre o recalque e a repetição que dele se sucede, Paim Filho observa:

A própria história do recalque, fundante do inconsciente recalcado, nos seus três tempos, vai se fazer acontecer devido à *força de repetição* do desejo recalcado

primariamente (primeiro tempo). O recalque propriamente dito (segundo tempo) instala-se para reforçar a proibição do recalcado vir à tona, enquanto o retorno do recalcado (terceiro tempo) é a *repetição transformada da busca de satisfação do desejo proibido*, que, como sabemos, ganha manifestação nos sintomas, sonhos, transferência, atos falhos. Podemos afirmar que o retorno do recalcado é marca por excelência da dinâmica repetidora do aparelho psíquico. Ponderando esse processo na análise temos subsídios para sustentar o seu caráter interminável, porque o ser humano é portador de um processo interminável de repetição (2010, p. 118, grifo próprio).

De forma mais esmiuçada, o processo que caracteriza o conflito neurótico inicia-se com a recusa do Eu em promover a efetivação motora das pulsões do Id, visto que o resultado seria uma produção de desprazer à nível consciente capaz de se sobrepor ao prazer da satisfação pulsional. Essa dissonância marcada pela produção de prazer em uma cena e desprazer em outra se refere à qualidade inconciliável dessas tendências pulsionais com as exigências colocadas pela necessidade de adesão ao regimento simbólico da cultura. Freud, nesse sentido, elabora a máxima de que “[...] certamente todo desprazer neurótico é desse tipo, é prazer que não pode ser sentido como tal” (Freud, [1920]/2010, p. 167).

Então, a operação do recalque pelo Eu – à serviço do Supereu e da realidade – é seguida de uma revolta do material recalcado contra esse destino, por meio da criação de outras vias de expressão. O recalcado insiste, engendrando, assim, um interminável quadro de repetições, na forma de fenômenos alusivos sobredeterminados por relações de sentido ligadas aos conteúdos inconscientes, ao conflito e às circunstâncias atuais. É desse modo que se forma o sintoma, como um substituto que representa para o sistema consciente a parte da pulsão recalcada, oferecendo compensação a essa parte prejudicada do Id. Pode-se dizer que as duas forças conflitantes que divergiram no conflito psíquico originador da neurose, isto é, a recalcante e a recalcada, encontram-se no sintoma mediante alguma reconciliação, enquanto ambas sustentam a formação de compromisso ([1917f]/2014). Trata-se, no entanto, de uma representação que passou por deformações que a distanciam do conteúdo original, a ponto de possibilitar uma suspensão da censura, favorecendo a irrupção desse derivado do inconsciente ([1915a]/2010).

Nesse panorama, as formações sintomáticas podem ser vislumbradas sob a ótica da repetição (Laplanche; Pontalis, [1982]/2022). Além de alguns sintomas serem manifestamente repetitivos, como nos atos obsessivos, o sintoma pode ser descrito como um substituto para uma satisfação pulsional que não se efetivou na realidade material (Freud, [1926]/2014). Trata-se de uma repetição disfarçada de certos modos arcaicos e interditados de satisfação, tendo em vista o investimento regressivo da libido “nas práticas e vivências da sexualidade

infantil, nas tendências parciais abandonadas e nos objetos da infância que foram deixados para trás” (Freud, [1917f]/2014, p. 479). Assim,

Essas experiências [atividades e experiências da sexualidade infantil] têm influência decisiva na produção dos sintomas, sendo consideradas constitucionais, ao lado daquelas atribuídas à transmissão de uma geração a outra (herança simbólica). A fixação consiste na retenção de determinada quantidade de energia libidinal, observando-se uma relação complementar entre a intensidade e a importância patogênica das experiências infantis e as experiências posteriores. Com efeito, a neurose é sempre infantil, mesmo no adulto, e esse é um aspecto extremamente importante a ser levado em conta no trabalho analítico. O sintoma repete uma forma infantil de satisfação, deformada pela censura que nasce do conflito e transformada numa sensação de sofrimento, que aparece misturada com outros elementos atuais (Rinaldi, 2019, p. 155).

A repetição pode ser analisada, também, sob um viés que extrapola a ideia (igualmente pertinente) de uma espécie de reprodução do passado no presente, concebida sob o enquadramento de uma perspectiva cronológica do tempo, isto é, do tempo tal como o Eu consciente o experimenta. Como já mencionado, de acordo com Freud, no inconsciente nada pode ser encerrado, nada é passado ou esquecido ([1900]/2010). Nesse sentido, o desejo inconsciente desconsidera a linearidade do tempo da consciência; ele insiste a despeito deste, é indestrutível, permanecendo sempre em atividade, de modo que “trata-se de acontecimentos que não cessam, que não estão parados nos nomes nem encaixados em imagens fixas... eles se fazem ainda e ainda [...]” (Le Poulichet, 1996, p. 32). Por isso, nas relações temporais que forjam os efeitos dos processos inconscientes no âmbito da consciência, como por exemplo o sintoma, observa-se a particularidade de uma colisão entre duas temporalidades distintas, sendo isso o que gera as condições da repetição. Como Poulichet (1966) ressalta, a repetição, no entanto, não é uma cópia exatamente do mesmo; uma vez que se constitui nesse encontro, ela implica uma novidade, pois se produz em um novo lugar, ou mesmo produz um novo lugar. O sintoma, nesse sentido, como entrecruzamento dos tempos desses dois sistemas psíquicos – o tempo que passa do Cs e o tempo que não se torna passado do Ics –, possibilita que as representações intoleráveis recalçadas se expressem anacronicamente (Le Poulichet, 1996).

Dessa maneira, a despeito da aparência enigmática dos sintomas a nível fenomenológico, a modulação destes não é de modo algum arbitrária: há algo preexistente que se repete e que se atualiza nos sintomas. As observações a respeito da existência de fixações que subsidiam a regressão a tempos anteriores da vida foram formuladas a partir da prática

clínica, na qual Freud ([1917g]/2014) pôde atestar que os sintomas possuem um sentido ligado às vivências singulares (reais ou fantasiadas) do paciente neurótico. Essa relação simbólica é sobredeterminada pelos mesmos processos inconscientes envolvidos na formação dos sonhos, a condensação¹⁰ e o deslocamento¹¹, os quais favorecem a deformação do conteúdo original necessária para o acesso à consciência. Sobre a articulação entre repetição e sintoma, Kauffman discorre:

É identificando as incidências que se repetem na clínica que ele [Freud] deve abrir o caminho do teórico. Ora, no nível da clínica, o que insiste e se repete é o sintoma. [...] Mas abordar a questão do sintoma é entrar no campo da linguagem, porque Freud nos indica que é nesse nível que o devemos considerar. Como ele lembra nos Estudos sobre a histeria, o sintoma tem sua palavra a dizer. O sujeito diz pelo sintoma, por não poder dizer de outra maneira. Podemos deduzir disso que o sintoma como palavra a dizer pede para ser ouvido. A repetição do sintoma é o signo da insistência desse "apelo". Como Freud sublinha, encontramos nessa insistência a persistência obsedante de reminiscências cujo retorno pede uma descarga (1996, p. 451).

Assim, no trabalho de interpretação analítica dos sintomas, Freud ([1917g]/2014) observa a possibilidade de alcançar o sentido – sempre inconsciente – que estes carregam. Sentido, nesse caso, refere-se às impressões e vivências que acarretaram o sintoma (a procedência) e ao propósito que ele serve (destinação ou motivação). Como parte da elucidação de sua tese, Freud descreve o caso de uma mulher tratada por ele, que repetia uma mesma ação obsessiva diversas vezes ao dia, sem conseguir atribuir ao ato nenhuma explicação razoável inicialmente.

Em casa, ela se deslocava de seu quarto ao quarto ao lado, parava frente à mesa localizada no centro do cômodo, tocava a sineta para convocar a presença da criada, fazia-lhe algum pedido ou apenas a dispensava e, finalmente, retornava ao seu quarto. Em dado momento, a mulher pôde relatar ao analista uma cena pertinente ao ato repetitivo: dez anos antes, havia se casado com um homem mais velho. Na noite de núpcias, ele se revelou impotente, então caminhou diversas vezes de um quarto para o outro na tentativa de obter outro desfecho, mas sem sucesso. No dia seguinte, pela manhã, o homem exclamou que sentiria vergonha da criada quando ela fosse arrumar a cama e, em seguida, jogou tinta

¹⁰ Segundo Laplanche e Pontalis ([1982]/2022), no processo de condensação, uma representação única passa a representar por si só várias cadeias associativas, em cuja intersecção ela se encontra.

¹¹ “A teoria psicanalítica do deslocamento apela para a hipótese econômica de uma energia de investimento suscetível de se desligar das representações e de deslizar por caminhos associativos, ligando-se a outras representações” (Laplanche; Pontalis, [1982]/2022).

vermelha no lençol, mas não em um ponto em que seria de se esperar encontrar tal mancha de suposto sangue. A princípio, Freud não pôde compreender claramente o que aquela lembrança teria de relação com a ação obsessiva, até que a paciente o conduziu para a mesa do quarto ao lado e sinalizou a presença de uma grande mancha na toalha que revestia o tampo. Logo depois, a mulher esclareceu o fato de que a ação obsessiva carregava uma especificidade fundamental: toda vez que ia até aquela mesa e tocava a sineta, se posicionava de tal modo que a criada não tivesse como não notar a mancha.

Ao interpretar esse ritual e a sua vinculação de sentido com a experiência relatada pela paciente, Freud ([1917g]/2014) conclui que aquele parecia uma representação desta. Ademais, tal sintoma revela uma significativa intenção ligada à angústia provocada pela cena inicial. Ao repetir o ocorrido, a mulher corrige os desdobramentos dolorosos da noite de núpcias, reformulando a situação de modo que o marido não mais se mostra impotente e, assim, não precisaria sentir vergonha da criada. De início, a paciente não possuía qualquer consciência da conexão entre o acontecimento passado e a ação obsessiva, mas chegou a reestabelecer esse elo durante o trabalho de análise. No entanto, mesmo ciente do ponto de origem do sintoma, fez-se necessário o prosseguimento do tratamento para que um outro passo fosse dado, em direção à compreensão das motivações envolvidas no ato.

Um outro exemplo de vinculação de sentido entre uma manifestação sintomática e uma vivência passada, que revela uma espécie de repetição desta naquela, pode ser observado no estudo de caso sobre uma paciente histérica tratada por Freud ([1893a]/2016), a quem foi atribuído o nome fictício Emmy Von N. Dentre outros sintomas, a mulher de 40 anos apresentava um tique, que consistia em um som de estalo que fazia com a boca de modo involuntário e que retornava sempre que se angustiava ou se assustava. Durante a investigação no tratamento, ela revela que o início do tique coincide com uma cena que ocorrera cinco anos antes, e que agora se repetia sob outra modulação: estava à beira do leito da filha mais nova tentando custosamente fazê-la dormir e, quando a criança finalmente adormeceu, disse a si mesma que precisava ficar quieta. Ao incumbir-se dessa tarefa necessária para manter a criança dormindo, Emmy desperta uma ideia contrastante, referente à apreensão de que pudesse fazer barulho e por conseguinte estragar o feito que lhe custou tanto esforço.

O motivo disso se esclarece por informações coletadas por Freud ([1893a]/2016) a propósito de um ressentimento que Emmy nutriu contra filha durante anos. Quando o marido morreu, ela estava acamada em decorrência do nascimento da criança, que também estava muito doente. Pensou, então, que teria podido cuidar do marido até que ele se recuperasse,

caso não estivesse de cama por causa da filha mais nova. Além disso, a pequena trazia frequentes desafios com os quais a mãe tinha de lidar, como paralisia da perna, gritos, insônia, inflamação do cérebro e atraso da fala. A despeito de tudo, Emmy nunca deixou transparecer nenhum sentimento negativo em sua conduta. Pôde confessar à Freud que não amou a criança, ao mesmo tempo que jamais se isentou dos cuidados dela e que fez tudo o que fosse necessário: se obrigava a desempenhar a maternidade de modo cuidadoso, em conformidade com o esperado pelo laço social, o que provavelmente favoreceu um incremento no ressentimento preexistente.

Vemos, nessa instância de formação sintomática, um conflito patogênico pautado na oposição de duas intenções divergentes, uma consciente (em congruência com os preceitos morais e com a realidade) e outra inconsciente (inadmissível pelo sujeito). Fazer um estalo com a boca enquanto se objetiva manter a filha dormindo expõe a presença de forças conflitantes que atuaram em conjunto na formação desse tique, que se repetiu durante dezenas de anos após a cena do surgimento.

Nesses casos, a escuta clínica permitiu a construção de um trabalho de rastreamento do sintoma até uma vivência coincidente com a irrupção do adoecimento. Entretanto, não foi tal simplicidade que Freud encontrou em larga medida na prática, visto que o vínculo entre a expressão sintomática e os conteúdos inconscientes apresenta-se como algo habilidosamente engendrado (Freud, [1905a]/2016). Em significativa parcela dos pacientes, não seria possível associar os sintomas a um único evento, nem mesmo a um único significado. Freud ([1896]/2023) observa tal conformação já nos primórdios do desenvolvimento da técnica analítica, por meio da experiência com os casos de histeria, quando aponta para o fato de que a cadeia de associações das lembranças inconscientes não é formada por séries simples, mas, ao contrário, se constitui a partir de conexões ramificadas como árvores genealógicas. O autor verifica, nesse sentido, que “nenhum sintoma histérico pode se originar apenas de uma vivência real, que todas as vezes a lembrança de vivências passadas, despertada por associação, também contribui para causar o sintoma” (Freud, [1896]/2023, p. 200).

Atesta-se isso claramente no caso de Emma ([1895]/2025), uma jovem histérica tratada por Freud que não conseguia entrar em lojas desacompanhada. Como explicação para o impedimento, ela relata uma memória do período logo após a puberdade, quando tinha quatorze anos de idade, que consistia no seguinte: ao entrar em uma loja, se deparou com dois balconistas dando risada juntos, o que a fez pensar que estavam rindo da sua roupa. Relata, também, que um desses homens despertou nela uma atração sexual. Espantada, saiu correndo

da loja imediatamente. Diante do quadro bruto, Freud constata que a situação não se constitui como motivação plausível o suficiente para provocar tamanha incapacidade por tempo prolongado. Além disso, observa algumas incongruências, como o fato de que até a companhia de uma criança pequena bastava para que ela conseguisse entrar em uma loja, evidenciando que não se tratava de uma necessidade de proteção. O interesse em um dos homens em meio a uma vivência desprazerosa como esta também aparece como um ponto intrigante. No entanto, mais adiante na investigação, vem à tona uma segunda memória da qual Emma não possuía ciência no momento da cena I, de acordo com ela. Aos oito anos, quando estava em uma mercearia para comprar doces, relata ter sido abusada sexualmente por um senhor que apertou a genitália dela por cima da roupa. Apesar do ocorrido, diz ter retornado à loja uma segunda vez, o que se seguiu de autorrecriminações devido à impressão de que era como se ela estivesse voltando com a intenção de provocar uma repetição do atentado.

Nesta fase da obra, Freud ainda sustentava a máxima de que o sintoma seria a repetição do trauma, um retorno simbólico do trauma (Simanke, 2024). Sob esse viés, a partir dessa constelação de memórias, ele pôde depreender que houve a produção de um trauma, instituído como tal apenas *a posteriori*, enquanto uma causa que não existe a princípio e nem isoladamente (Freud, [1895]/2025). Os fenômenos que são marcados pelo retorno de uma impressão, nesse sentido, podem imprimir um efeito retroativo sobre a cena passada, em uma relação de dupla influência na qual a causa advém apenas na atualização. Além das duas experiências guardarem a semelhança de que ela estava sozinha nesses estabelecimentos, o riso dos vendedores provocou uma rememoração inconsciente da expressão facial do merceeiro. Assim, a segunda vivência faz retornar o toque inadequado, com a diferença de que, dessa vez, Emma possuía recursos psíquicos para compreender a questão sexual envolvida no ato, como uma garota que já atravessou puberdade.

Dessa forma, por meio da análise da associação entre os eventos, conclui-se que “a memória evoca uma coisa da qual ela certamente não era capaz, uma liberação sexual que é transposta em angústia. Diante dessa angústia, ela teme que os vendedores repitam o atentado e sai correndo dali (Freud, [1895]/2025, p. 294). Compreende-se que todo o complexo de impressões referentes à situação do atentado permanece inconsciente, com exceção do elemento das “roupas”, que adquire um papel simbólico na consciência enquanto componente intermediário na associação entre as duas cenas. No pensamento consciente surgem, então,

duas falsas ligações a partir do conteúdo disponível: os vendedores estariam rindo dela por causa das roupas e um deles teria despertado nela um interesse sexual.

Como observa Coelho dos Santos (2004), a situação na mercearia adquire um valor traumático por retroação significativa, na qual a ejeção libidinal – que aconteceu inicialmente sem que houvesse nenhum juízo sobre a natureza do evento devido a uma impossibilidade de significação pelo sujeito – passa a ter um sentido. Isso demonstra o fato de que a (a)temporalidade do inconsciente, e portanto da formação dos sintomas neuróticos, não segue uma ordenação cronológica semelhante ao que se observa no plano da consciência, mas sim um tempo lógico. Apesar do acontecimento II anteceder cronologicamente o I, ele não é primeiro, nem mesmo pode-se dizer que existe, visto que “o atual produziu o antes e que esse antes era uma fantasia, era uma memória que foi carregada de significação e de investimento libidinal” (Coelho dos Santos, 2004, p. 8). Apenas a partir do segundo acontecimento é que o que ocorreu antes pôde emergir dotado de uma realidade que não é uma realidade material, mas sim, psíquica¹². Dito de outra maneira, o passado recebe estatuto de ficção pelo fato de que não existe em si mesmo, mas é fundado a partir do presente, se constrói a partir do que acontece depois.

Portanto, atesta-se o fato de que o encontro com a sexualidade e a produção de uma posição subjetiva sexuada excluem algo das experiências primárias do sujeito que, entretanto, retorna e insiste como formações substitutivas. Diante da censura do recalque, o psiquismo é impelido ao trabalho de compensação, de modo que as tendências rechaçadas encontram meios indiretos de expressão através dos quais podem dar vazão à energia investida, ensejando uma satisfação substitutiva. Essas formações do inconsciente jamais cessam de produzir efeitos sobre a consciência, desafiando as novas circunstâncias com repetições cuja matéria prima é proveniente de um tempo que, em termos cronológicos, já passou para o Eu. Tais efeitos de um sistema sobre o outro se apresentam de forma desfigurada, como uma representação irreconhecível do desejo, e carregam um sentido cifrado a ser desvelado. Uma vez excluída da organização do Eu, a libido se desenvolve imune às leis que o orientam, resultando no fato de que “ela se torna rebelde e se lembra de tempos passados melhores. Tal é seu caráter, fundamentalmente imutável” (Freud, [1917f]/2014, p. 477). A sexualidade

¹² A esse respeito, é importante destacar que “[...] não há indicação de realidade objetiva no inconsciente, a realidade é psíquica e é determinada pela fantasia inconsciente. Ao falarmos de inconsciente, não há como distinguir a verdade da ficção, pois a verdade do sujeito é tecida de ficção” (p. 21-22, Ribeiro, 2011).

infantil, nesse sentido, nunca é realmente superada; ao contrário, aquilo que é censurado tende a retornar em um movimento infindável de repetição:

Nas experiências primárias se faz uma seleção. Se a posição sexuada é uma interpretação, há alguma coisa que entra e outra que fica de fora. [...] O que não é reconhecido como Eu retorna fazendo uma perturbação na vida psíquica normal, por meio de sintomas, lapsos, sonhos, formações do inconsciente, que são todos eles modos de retorno do recalcado. Com isso, estou dizendo que a sexuação é alguma coisa que efetua uma mudança, uma marca na vida psíquica, tem um efeito de produzir uma reinterpretação do passado, mas que isso não se fecha nunca. Isso se faz e se refaz, continuamente. [...] O que retorna? Uma das maneiras de se falar do que retorna é quando algo é “seu e você não reconhece como sendo seu”. Isso dá lugar a uma repetição e mostra que o trauma é inesgotável. [...] O desejo está sempre aberto à reinterpretação, mas, ao mesmo tempo, há alguma coisa que se repete, sempre do mesmo modo, porque tem relação com o modo como, primariamente, o sujeito organizou tudo isso (Coelho dos Santos, 2004, p. 17).

CAPÍTULO 2 - O PSIQUISMO ENTRE A REPETIÇÃO E A TRANSFERÊNCIA

A propósito do estatuto conceitual da repetição na obra freudiana, Kauffman constata: “Por que somos impelidos à repetição? Freud não deixou de perguntar isso a si mesmo um só instante” (1996, p. 448). Desse modo, no enquadramento deste corpo teórico, a repetição comporta diferentes abordagens, de forma que esta pode ser discutida tanto pela ótica de sua conceituação ampliada, a qual contempla a repetição que constitui as moções pulsionais e os processos psíquicos, como também no nível das formulações que propriamente elevam o termo ao primeiro plano. Aqui, objetiva-se manter essa multiplicidade de sentidos, sem, no entanto, borrar os limites conceituais que circunscrevem os dois fenômenos que representam as apresentações mais significativas da repetição na teoria de Freud: a repetição em ato na transferência de tipo analítica e a compulsão à repetição. Quando o tema da repetição é associado à transferência, neste trabalho, não se trata de postular uma equivalência entre transferência e repetição. Na verdade, parte-se do pressuposto de que na transferência há *uma* repetição, a qual, todavia, não se confunde com a repetição em ato (ou atuação).

A afirmação de que na transferência há repetição se justifica no fato de que esta última é condição de possibilidade da pulsão, fundada sobre o plano de fundo do encontro faltoso com a vivência de satisfação: “não há primeiro o desejo e depois a sua repetição; o desejo *é* repetição, como a experiência é o reencontro; a repetição é o modo no qual o desejo existe e insiste” (Mezan, 2013, p. 259). Nesse sentido, tal fenômeno se nutre do tipo de investimento libidinal orientado pelos processos mentais mais primários ligados à sexualidade infantil (Garcia de Oliveira, 2025), produzindo uma reedição do desejo mediante a vinculação da libido a representações substitutas dos objetos primordiais. Assim, como nota Mezan, “que é transferência senão a dissolução do passado e do presente num gesto de amor?” (2013, p. 250).

2.1 Substituições e reencontros: os efeitos da vivência de satisfação no aparelho psíquico

A ideia de uma repetição constituinte dos processos psíquicos se faz presente nas elaborações freudianas desde os primórdios do desenvolvimento teórico da psicanálise, como pode ser constatado em “Interpretação dos sonhos” (Freud, [1900]/2019). Partindo do princípio de que estímulos provenientes de fonte endógena ou exógena atingiriam o aparelho

psíquico sob a forma de uma impressão, e de que isso se desdobraria na inscrição de um traço mnêmico¹³ desta impressão na memória (Garcia Roza, [1995]/2008), Freud aborda as primeiras experiências de satisfação do bebê. A satisfação corresponde à eliminação da tensão propiciada por estímulos internos, produzindo “o aparecimento de certa percepção [...], cuja imagem mnêmica, a partir de então, fica associada ao traço mnêmico da excitação criada pela necessidade” (Freud, [1900]/2019, p. 617). Uma vez estabelecido esse vínculo, quando o organismo volta a ser acometido por necessidade análoga, a pulsão busca reinvestir a impressão mnêmica da percepção a fim de repeti-la, na tentativa de reproduzir a situação da primeira satisfação. Tal necessidade se traduz, nessa lógica, em necessidade de repetição. É este movimento de evocação de uma percepção — com o intento de restabelecer uma satisfação perdida — que constitui o desejo. No entanto, como assinala Garcia-Roza, trata-se de um empenho sempre malogrado, posto que “o objeto real não estando presente, o que ocorre é uma alucinação com o consequente desapontamento que ela implica, já que na ausência do objeto real não pode haver satisfação” ([1991]/2008, p. 132).

No “Projeto de uma psicologia”, elaborado antes de “Interpretação dos sonhos”, não obstante mantido em sigilo até a sua publicação póstuma em 1950, Freud já antecipava a concepção deste processo que viria a delimitar o caráter repetitivo dos fenômenos anímicos. Apoiado nos saberes neurocientíficos da época, ele descreve, como consequência da experiência de satisfação, uma associação entre as catexias¹⁴ dos neurônios correspondentes à percepção do objeto que proporcionou a satisfação e dos neurônios responsáveis pela descarga motora da excitação, de maneira que o investimento nessa via aumenta e as barreiras para a circulação de energia se rompem (Guimarães dos Santos; Fortes, 2011). Dentro dessa lógica, Freud ([1985]/2025) formula que o fluxo energético no aparelho psíquico se daria sobretudo pelas vias neuronais mais investidas, o que engendra uma tendência a percorrer os mesmos caminhos já trilhados anteriormente, caminhos “facilitados”¹⁵ (Paim Filho, 2010). O conceito de facilitação, dessa maneira, guarda ligação direta com a noção de memória, que seria constituída justamente pelas facilitações existentes entre os neurônios, as quais

¹³ Termo empregado por Freud para designar o modo como os acontecimentos se inscrevem na memória. Trata-se de um resto ou resíduo de percepção (Kauffman, 1996). Os traços mnêmicos subsistem de forma permanente, porém só são reativados quando investidos pela pulsão (Laplanche; Pontalis, [1982]/2022).

¹⁴ Carga de afeto ou soma de excitação que “carrega” os neurônios.

¹⁵ O conceito de facilitação é empregado por Freud em “Projeto de uma psicologia” ([1985]/2025) para referir-se à diminuição da resistência à passagem de energia nas barreiras de contato entre os neurônios, o que institui os trilhamentos pelos quais a energia poderá passar de modo facilitado.

favorecem a repetição de determinados percursos – aqueles marcados pelos traços mnêmicos – em detrimento de outros:

A facilitação freudiana nos revela uma obviedade, a saber, que se tem sempre tendência a percorrer um caminho que já se percorreu. Os novos caminhos impõem uma resistência. A facilitação nada mais seria que uma diminuição permanente dessa resistência. Encontramos nisso uma espécie de memória que nos poupa do encontro permanente com o novo. O sujeito se apegue a certos traços (Kauffman, 1996, p. 451).

Como o reinvestimento dos vestígios de memória implica sempre uma falha de identidade entre o objeto prototípico e o substituto, tem-se que a repetição não somente se funda sobre a impulsão do desejo, como também favorece a continuidade de um ciclo que se retroalimenta: enquanto o desejo promove a repetição, a repetição permite que o desejo se relance. Isso porque, em consonância com o pensamento de Le Poulchet (1996), na medida em que a reprodução do mesmo é sempre destinada ao fracasso, a repetição fabricaria restos, relativos à distância entre a satisfação original e a que se alcança. É a essa falta de identidade que Freud ([1912b]/2013) se refere quando afirma que os protótipos do inconsciente, fundados pelas escolhas primárias e infantis de objeto, se decompõem em uma série infinita de investimentos objetais ao longo da vida, a qual se revela infinita justamente pelo fato de que todo substituto encontrado não proporciona a satisfação desejada. Ele chega a constatar a presença de algo na natureza da pulsão sexual desfavorável à plena satisfação, uma vez que “graças ao duplo encetamento¹⁶ da escolha de objeto, com interposição da barreira ao incesto, o objeto definitivo do instinto sexual nunca mais é o original, mas apenas um substituto dele ([1912b]/2013, p. 361).

Desse modo, o estado de desejo, criado a partir da vivência primária de satisfação, evidencia o movimento de repetição do psiquismo que, por trilhas conhecidas, busca um reencontro. Sobre a função constituinte e constitutiva da repetição para o aparelho psíquico, Paim Filho escreve:

[...] o desejo é a mola propulsora do psiquismo. Assim sendo, o princípio do prazer, mobilizado pelo desejo, busca o reencontro com a vivência primária de satisfação. Se pensarmos que a psique tem seu móbil na força pulsante do reencontro, temos posto que a repetição é algo constitutivo da própria essência do aparelho psíquico. Evidentemente, o desejo, ao ser interditado pela força negativadora do recalque, obriga o inconsciente a negociar com o pré-consciente (condensação e

¹⁶ Freud ([1923]/2011) formula um início em dois tempos do desenvolvimento da libido, devido à interrupção produzida pelo período de latência, que se coloca entre a dissolução do complexo de Édipo e a puberdade.

deslocamento), o que determina que a busca da gratificação seja, desde sempre, determinada pela matriz fundante do desejo, fazendo dos caminhos, do à posteriori (nachträglichkeit), ramificações desse originário (2010, p. 118).

O âmago do sistema inconsciente é constituído por representantes pulsionais que objetivam descarregar seu investimento, isto é, por impulsos de desejo (Freud, [1915c]/2010). Sob essa ótica, a transferência do investimento para essas ramificações do originário advém da necessidade de desvios, imposta pela convergência entre a pressão constante das pulsões sobre o aparelho psíquico e as interdições, limitações e impossibilidades colocadas ao desejo: “quando o objeto original de um desejo é perdido em consequência da repressão, frequentemente ele é representado por uma série interminável de objetos substitutos, nenhum dos quais chega a satisfazer plenamente” (Freud, [1912b]/2013, p. 361). É nesse sentido que o fenômeno da transferência, rúbrica importante da repetição na teoria freudiana, proporcionará a atualização dos protótipos infantis de relação objetal nos posteriores investimentos de outros objetos. Portanto,

[...] essa presença da inscrição psíquica do objeto contraposta ao fundo de sua ausência no registro da plenitude da satisfação pulsional que é a condição de possibilidade para que se instaure um processo de substituição de figuras, imagens e objetos no aparelho psíquico. [...] Essas substituições, que mostram a interminável busca do sujeito pela plenitude perdida, remetem então a uma perda primordial (Birman, 1993, p. 120).

2.2 A reedição do desejo como faceta de repetição do fenômeno transferencial

Em “Interpretação dos sonhos” (Freud, [1900]/2019), texto que condiz com um estágio incipiente da obra freudiana, o conceito de transferência aparece com um arranjo não muito distante do que veio a ser estabelecido posteriormente: constitui-se enquanto uma chave de leitura, relativamente mais generalista, para a mobilidade que permeia o funcionamento dos processos psíquicos relativos às formações do inconsciente. Como observa Baratto (2010), o texto em questão se desdobra na conclusão de que o retorno do recalcado enreda sempre sucessivas transferências, isto é, substituições, transmutações, reedições do desejo, o qual só pode se manifestar mediante representações alusivas, devido às resistências. Mais precisamente, nos processos de formação dos sonhos, produz-se uma transferência da intensidade psíquica investida no conteúdo recalcado para certas impressões conscientes ou pré-conscientes (Freud, [1900]/2019).

Essas representações substitutas podem operar como encobridoras e servir às deformações que possibilitam a expressão indireta do desejo, na medida em que são caracterizadas por serem insignificantes e/ou recentes. Por esses motivos, dado que ainda não estabeleceram numerosas associações, são convenientes como vias de manifestação do inconsciente; isto é, mostram-se interessantes e inofensivas como ponto de união para uma transferência, sob a perspectiva das exigências da censura da resistência. No caso dos sonhos, esse conteúdo que aparece somente disfarçado diz respeito às vivências infantis ou às fantasias provenientes destas, o que se verifica na máxima elaborada por Freud ([1900]/2019) de que o sonho seria um substituto de uma cena infantil modificado pela transferência para algo da vida recente. Sob esse viés, o autor conclui que “sonhar é, no conjunto, um exemplo de regressão à condição mais antiga do sonhador, um avivamento de sua infância, dos impulsos instintuais que nela predominavam e dos modos de expressão de que ela dispunha” (Freud, [1900]/2019, p. 600).

Tal formulação acerca dos sonhos não somente é correlata às postulações que fundamentam os estudos das neuroses, mas um desdobramento teórico destas. Mediante o mesmo mecanismo, os sintomas, enquanto formações subsidiadas por fixações da libido em modulações antigas de satisfação, conferem atualidade aos conteúdos inconscientes outrora recalcados. Pode-se dizer que o neurótico reedita, no presente, aquilo que diz respeito a um passado do qual nunca consegue abrir mão por completo. Essa conformação se justifica na própria concepção do inconsciente na teoria freudiana: caracterizado por sua desconsideração pela realidade material, os processos desse sistema “não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo” (Freud, [1915c]/2010, p. 128). Portanto, através do processo de transferência (no sentido mais geral do conceito), o material inconsciente – oriundo do período de constituição subjetiva da infância – é sistematicamente atualizado e revivido como uma força atual que opera sobre o sujeito e que o leva a repetir. Nas palavras de Freud,

Seguindo indicações da psicanálise das neuroses, vejo tais desejos inconscientes como sempre ativos, sempre dispostos a achar expressão quando lhes é oferecida uma oportunidade de se aliar a um impulso do consciente e de transferir sua grande intensidade para a deste, que é menor. [...] esses desejos que se encontram reprimidos, digo, são eles próprios de origem infantil, como vimos pela pesquisa psicológica das neuroses. Então quero deixar de lado a tese enunciada acima, de que a origem do desejo do sonho seria irrelevante, e substituí-la por outra, que diz: O desejo representado no sonho é necessariamente infantil (Freud, [1900]/2019, pp. 604-605).

Nessa mesma perspectiva, em momento posterior da obra no qual apresenta um maior desenvolvimento do conceito em questão, Freud ([1912a]/2010) observa que as experiências vividas no período constitutivo da sexualidade desembocam no fato de que todos os sujeitos se ligam amorosamente ao outro a partir de um certo modo característico que é regularmente repetido no curso da vida. Essa forma de posicionamento no campo do amor — singular a cada um e marcado por uma série de clichês — concerne às condições estabelecidas para a vinculação, às tendências pulsionais que são satisfeitas e aos objetivos colocados. Nesse viés, a repetição dos protótipos infantis, determinados pelas marcas libidinais deixadas pela relação aos outros primordiais da história do sujeito, traduz-se na insistência dos mesmos na atualidade.

Vale ressaltar que o apontamento de que a vida amorosa tem fortes raízes pulsionais capazes de propiciar repetições deve somar-se à observação de que parte disso não se dirige para a realidade material, muito menos está disponível à personalidade consciente. Atuam em expressiva influência na vida do neurótico, no que diz respeito ao laço com o outro, correntes pulsionais que puderam se satisfazer apenas na fantasia ou que tiveram seus representantes relegados ao inconsciente pela censura do recalque. Nesse sentido, das frustrações impostas pela realidade à necessidade de amor advém a atitude de voltar-se para cada pessoa nova que entra em cena com expectativas libidinais fundamentadas em experiências anteriores, de maneira que tal atitude é influenciada tanto pelas porções da libido capazes de consciência como também pelas inconscientes (Freud, [1912a]/2010). Portanto, nota-se que a repetição na transferência não consiste em uma atualização de relações efetivamente vividas no passado, isto é, o sentido do que aparece não é realista ou literal: transfere-se, essencialmente, a realidade psíquica. Mais especificamente, presentificam-se as formações de desejo inconscientes e as fantasias conexas por meio de equivalentes simbólicos do conteúdo original (Laplanche e Pontalis, [1982]/2022).

A partir dessas observações iniciais a respeito do tipo de vinculação que perpassa a dinâmica neurótica, Freud explora o fenômeno da transferência tal como ele se dá especificamente no contexto da experiência analítica: a observação de que os investimentos libidinais arcaicos se atualizam no estabelecimento de posteriores relações desemboca na conclusão de que estes também se dirigem ao analista durante o tratamento. Apontando para o estatuto que a transferência assume de uma apresentação da dinâmica repetidora do psiquismo, Freud observa que “a transferência mesma é somente uma parcela de repetição, e

que a repetição é transferência do passado esquecido, [transferência] não só para o médico, mas para todos os âmbitos da situação presente” ([1914]/2010, p. 201).

Desse modo, a presença do clínico não imprime somente as impressões relativas ao papel pontual que lhe compete, mas convoca o retorno de alguma figura central do passado do paciente (Freud, [1940]/2018). Os sentimentos e as reações condizentes com esse modelo de ligação, referente ao investimento original, são então transferidos para o analista; este passa a ser incluído em uma das “séries” formadas pelo neurótico até então, marcadas por certos clichês que insistem a cada nova relação objetual. Em termos de realidade material, do ponto de vista do analisando, a pessoa do clínico se dissolve por trás do que lhe é embutido por transferência:

Efetivamente, o que ocorre na relação analítica estabelecida pelo analisando com o analista? Um processo de transferência do inconsciente, no qual o analista é destituído de todas as suas características pessoais reais. Ele é despido de suas significações, tornando-se tributário das características, atributos e significados dos personagens fantásticos que povoam o inconsciente do analisando. Se no decurso da análise o analista passa a ter uma importância toda particular para o analisando, é porque ele é revestido pelos atributos retirados dos personagens fantasmáticos do sujeito que, ao sofrerem um processo de deslocamento, são inteiramente transferidos e condensados sobre ele. A relevância tomada pelo analista aos olhos do analisando deve ser atribuída às conexões estabelecidas entre as representações de desejo recalçadas e a sua pessoa (Baratto, 2010, p. 235).

Nesse sentido, Freud (1917c/2014) sustenta a tese de que do início do tratamento analítico decorre o direcionamento das novas produções da neurose à figura do analista, inaugurando uma reedição da enfermidade anterior. Isso porque, como já explicitado, o adoecimento neurótico não constitui um assunto histórico, fechado e encerrado em si mesmo; ao contrário, as tendências pulsionais recalçadas e seus derivados seguem em pleno desenvolvimento, influenciando as vivências atuais do sujeito e produzindo repetições. Assim, os sintomas adquirem um novo sentido, subsidiando a criação de uma versão artificial da neurose constituída em torno da transferência com o analista, sobre a qual ele adquire poder de intervenção. Tal fenômeno será observado especialmente nos casos de histeria e de neurose obsessiva, as quais serão denominadas, por esse motivo, de neuroses de transferência (Freud, 1917c/2014).

Constatar o fato da transferência, todavia, não basta para esclarecer os caminhos de construção do trabalho com o analisando, como Freud pôde verificar na experiência do emblemático caso Dora ([1905a]/2016), no qual colheu as consequências de um indevido manejo desse fenômeno. Diante das manifestações que aproximavam a figura dele ao pai da

jovem e ao sr. K, Freud exitou em fazer considerações que sublinhariam que aquilo que aparecia no tratamento tratava-se da repetição de um modo de relação que ela estabelecia com outros homens de sua vida. Ao observar alguns dos erros técnicos que desembocaram na finalização abrupta do trabalho com Dora, devido ao abandono do tratamento pela mesma, o autor discorre:

Quando houve o primeiro sonho, em que ela se advertia de que deveria abandonar o tratamento como havia antes deixado a casa do sr. K., eu é que deveria ter escutado a advertência e lhe dito: "Agora você fez uma transferência do sr. K. para mim. Você notou algo que a leve a concluir que tenho más intenções semelhantes às do sr. K. (diretamente ou em alguma forma sublimada), ou algo em mim lhe chamou a atenção, ou soube de algo a meu respeito que a cativou, como sucedeu antes com o sr. K.? ". Então sua atenção teria se voltado para algum detalhe de nossa relação, em minha pessoa ou minha situação, por trás do qual se escondia algo análogo, mas muito mais importante, relativo ao sr. K., e a solução dessa transferência teria permitido à análise o acesso a novo material, provavelmente de lembranças reais (Freud, 1905/2016, p. 315).

Um dos principais ganhos teóricos dessa experiência clínica refere-se à delimitação de uma valiosa faceta da transferência: sua potencialidade de recurso a ser instrumentalizado pela análise, na medida em que é desvelada e traduzida ao analisando. No caso da transferência amorosa, à título de exemplo, ao psicanalista compete a realização de um manejo que institui a privação de satisfação frente às demandas de amor. Estas não devem ser suprimidas, mas reconduzidas às raízes inconscientes, tendo em vista a extração do conteúdo analítico da situação. Nesse contexto, as características dos modos de vinculação do sujeito vêm à tona, o que aponta para a possibilidade de um descortinamento dos fundamentos infantis nos quais o amor dele amplamente se apoia (Freud, [1915b]/2010) e os quais ele repete durante a vida.

Entretanto, ao mesmo tempo que pode servir à função de artifício analítico, a transferência atua como fonte de complicações: associa-se ao trabalho da resistência, atravancando a evolução do tratamento e interrompendo a cadeia de associações. Como aponta Simanke (2024), a repetição estruturante das formações do inconsciente resulta da impossibilidade de acesso ao recalado. Nesse sentido, uma íntima relação entre resistência e repetição se evidencia no fato de que, na medida em que a resistência se empenha na manutenção do recalque, não há outra forma de expressão para este senão pela repetição que constitui o retorno do recalado. Tal encadeamento será retomado na próxima seção.

A resistência à análise resulta da própria estrutura do adoecimento neurótico, na medida em que este é preconditionado pela introversão da libido, isto é, pela diminuição da

porção de libido voltada para a realidade material, concomitante a um subsequente aumento da porção inconsciente. Assim como mencionado anteriormente, na neurose, “a libido (no todo ou em parte) tomou a via da regressão e reanimou as imagos infantis” (Freud, [1912a/2010, p. 138). Durante o tratamento, as forças envolvidas no movimento de regressão atuam como resistência à modificação da economia libidinal, buscando conservar este estado que foi estabelecido como resolução diante de uma frustração imposta à satisfação. Porém, para além de tal relação específica com o mundo exterior, a qual envolve uma impossibilidade vigente, existe uma espécie de resistência ainda mais efetiva e determinante que se revela imune à perda da justificativa imediata para a introversão libidinal. Trata-se da atração permanente que os complexos inconscientes (ou as partes inconscientes destes complexos) exercem sobre a libido à disposição da consciência, sendo esta modalidade de resistência responsável pela perseverança do adoecimento, mesmo quando as condições pertinentes à etiologia são modificadas (Freud, [1912a]/2010).

A formação de compromisso sustentada no sintoma representa um frágil equilíbrio forjado na conciliação de forças contrárias, de maneira que as distorções do conteúdo patogênico — decorrentes da passagem de um sistema para o outro — não se fazem suficientes para impedir um desvelamento do recalcado. Diante disso, o paciente se serve do tipo de distorção que lhe oferece mais vantagens: a distorção pela transferência (Freud, [1912a]/2010).

Tal configuração implica a especificidade de que não é todo e qualquer tipo de transferência que assume a função de atravancar a continuidade das associações. Mais especificamente, prestam-se a essa quebra: a transferência negativa, relativa à sentimentos hostis, ou a positiva, de impulsos eróticos recalçados. Os impulsos amorosos direcionados ao analista, por exemplo, têm a manifestação potencializada e exagerada por obra das forças da resistência, as quais se servem dessa situação produzida pelo *setting* analítico para justificar o trabalho de manutenção do recalque (Freud, [1915a]/2010). Nota-se, nessa situação, que não se trata de uma afeição menos genuína do que qualquer outro apaixonamento, posto que “é verdade que essa paixão consiste de novas edições de velhos traços e repete reações infantis. Mas este é o caráter de toda paixão. [...] É justamente o condicionamento infantil que lhe confere o caráter compulsivo que lembra o patológico” (Freud, [1915b]/2010, p. 223).

Ainda nas elaborações sobre a questão da resistência transferencial, Freud ([1912a]/2010) utiliza metáforas que aproximam o tratamento analítico a um campo de batalha. A investigação opera como uma tentativa de tirar a libido do esconderijo, e, a cada

aproximação, uma luta entre forças contrárias tem de irromper. As tendências inconscientes não se prestam à lembrança, na verdade, procuram repetir-se em ato, ganhar corpo, reproduzir-se a despeito da realidade e de acordo com a atemporalidade do inconsciente. Como batalhas de uma mesma guerra, a contraposição de forças que se encontra na base da etiologia da neurose aparece também quando o sujeito é impelido a associar e elaborar. É justamente nesse ponto que Freud ([1912a]/2010) percebe a dupla funcionalidade à qual a transferência se presta: ao mesmo tempo que aparece como significativo fator complicador do processo analítico, também representa a fecunda oportunidade de tornar manifestas as tendências pulsionais relativas aos conflitos psíquicos que engendram o adoecimento, pela via da repetição. Para colocar a neurose no raio de ação da análise, a presença dessas manifestações opera como condição *sine qua non*, considerando que “é impossível liquidar alguém *in absentia* ou *in effigie*” (Freud, [1912a]/2010, p. 146).

2.3 A repetição em ato na situação analítica e os caminhos para a recordação

Embora a gênese da psicanálise tenha como marco inicial a publicação de “A interpretação dos sonhos” ([1900]/2019), uma retomada dos antecedentes se faz imprescindível para compreender as formalizações teóricas freudianas: a técnica psicanalítica não é sem a sua pré-história. A pedra angular desse momento anterior pode ser localizada no trabalho que culminou no emblemático livro “Estudos sobre a histeria” ([1893b]/2016), no qual Freud, em colaboração com o fisiologista vienense Josef Breuer, teoriza sobre o fenômeno histérico a partir do material colhido pelo emprego do método catártico no tratamento dessas pacientes. Roudinesco e Plon (1998) observam que, neste momento, “Freud e Josef Breuer frisaram a importância da repetição em sua abordagem da histeria, ao falarem da rememoração de um sofrimento moral ligado a um antigo trauma” (p. 656).

De modo sintetizado, segundo a teoria da catarse, esse tipo de adoecimento seria provocado por um impedimento na elaboração consciente da energia de um processo psíquico, o que levaria esse afeto a permanecer ligado a uma lembrança inconsciente e parte dele a ser direcionado para a inervação somática (Freud, [1896]/2023). Os sintomas, nessa perspectiva, teriam surgido na conjunção de situações que foram dotadas de força traumática para o psiquismo; a partir destas, um impulso à ação fora convocado, no entanto permaneceu retido, não efetivado. Em um percurso não patológico, as lembranças de um evento capaz de

gerar grande impressão afetiva sucumbiriam ao desgaste por meio de uma reação adequadamente expressa, como o choro ou a vingança. Essa reação, quando enérgica o suficiente, permitiria a descarga do afeto, por conseguinte o desaparecimento de grande parte deste. Em contraposição, no caso da histeria, as lembranças inconscientes de um trauma psíquico agiriam sobre o sujeito como um corpo estranho atuante no presente, mesmo muito depois de sua inscrição, sendo imune ao desgaste pela passagem do tempo (Freud, [1893b]/2016). Os sintomas histéricos reproduziriam certos aspectos das vivências traumáticas, sendo o sintoma, assim, uma espécie de repetição do trauma (Simanke, 2024).

Assim, havia nessa abordagem um enfoque sobre os momentos traumáticos relativos à causação do adoecimento, que deveriam ser reproduzidos em recordação sob um estado hipnótico, a fim de proporcionar uma reação adequada, uma descarga (ab-reação) desses afetos patogênicos pelo caminho “normal”, como uma correção a posteriori do decurso psíquico antes concretizado ([1917b]/2014). Nesse estágio inicial das elaborações teóricas, Freud ([1893b]/2016) já constata a relevância da linguagem, descrita como um sucedâneo para a ação; com o auxílio desta, o afeto poderia ser “ab-reagido” quase da mesma forma. Enfim, quando o autor introduz a reputada máxima de que o histérico sofre de reminiscências, ele sinaliza que o sintoma da histeria seria um substituto para um ato psíquico que não pôde ocorrer, determinado por essas vivências traumáticas reproduzidas na vida psíquica como símbolos mnêmicos (Freud, [1893b]/2016).

Durante a experiência com essa terapia hipnótica e sugestiva, Freud testemunhou uma ineficácia refletida por limitações da técnica frente ao adoecimento dos pacientes, como o caráter frequentemente temporário das soluções dos sintomas e a impotência do terapeuta diante das manifestações transferenciais, o que o levou a abandonar esse tipo de tratamento e caminhar para o desenvolvimento da práxis psicanalítica. Ao mesmo tempo que o trabalho com a hipnose diverge substancialmente do método da associação-livre em vários aspectos, ambos se encontram em um ponto comum em termos de objetivos colocados: o preenchimento das lacunas de recordação e a superação das resistências do recalque (Freud, [1914]/2010). O recordar da hipnose, todavia, se dava de modo simplificado, em uma transposição para a situação anterior – até então esquecida – associada à origem do sintoma. Em contraposição, no trabalho de análise, esse percurso se percebe muito mais complexo, na medida em que não há uma suspensão temporária das resistências para evocar a lembrança. Ao contrário, trabalha-se com essas resistências, que se manifestam mediante uma irrefletida compulsão à repetição do passado, sendo este precisamente o modo de recordar do paciente.

Por exemplo, um sujeito demonstra na clínica não se lembrar de ter sido teimoso e de ter se rebelado contra a autoridade dos pais, não obstante se comporta exatamente dessa maneira na relação com o analista (Freud, [1914]/2010). Nesse viés, Freud observa que “o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz” (Freud, [1914]/2010, pp. 199-200).

Segundo Simanke (2024), a repetição sobre a qual Freud se debruça neste momento é aquela relativa às condições determinantes da neurose ou do conjunto de manifestações patológicas que conduziram o sujeito ao tratamento, de modo que o trabalho incide sobre traços repetitivos do discurso e das atitudes do analisando. Vale notar que a ideia da repetição em ato como substituta da recordação não representa um insight teórico absolutamente novo no panorama das formulações freudianas: foi precisamente a observação da presença da repetição na experiência clínica que havia dado origem a noções como fixação, regressão e retorno do recalcado. Essa conceituação inicial da compulsão à repetição no contexto do tratamento, então, representa mais um elemento de articulação teórica dessas múltiplas facetas da repetição já mencionadas do que uma descoberta inédita. Sob essa mesma ótica, Freud assinala:

[...] podemos perguntar: o que repete ou atua ele [o analisando] de fato? A resposta será que ele repete tudo o que, das fontes do reprimido, já se impôs em seu ser manifesto: suas inibições e suas atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter. Ele também repete todos os seus sintomas durante o tratamento. E agora podemos ver que ao destacar a compulsão de repetição não adquirimos um fato novo, mas uma concepção mais unificada ([1914]/2010, p. 202).

Antes de um aprofundamento nas peculiaridades da atuação no contexto clínico, detenhamo-nos brevemente no que consiste, à nível psíquico, a compulsão à repetição. Nas elaborações metapsicológicas acerca dos fatores atuantes na causação das neuroses, Freud ([1926]/2014) sublinha uma complicação inerente ao aparelho psíquico: a diferenciação deste em um Eu e um Id. Essa distinção se traduz em condições que engendram o enfrentamento entre forças discordantes, de modo que o Eu, intimamente ligado ao sistema perceptivo, assume a obrigação de combater o perigo que certas tendências pulsionais provenientes do Id podem representar perante o princípio de realidade. Não se trata, entretanto, de uma cisão absoluta, uma vez que o Eu é a parte do Id modificada por intermédio da influência posta pelo contato com o ambiente exterior. Nesse sentido, não são instâncias nitidamente separadas;

confluem entre si e permanecem em íntima ligação (Freud, [1923]/2011). Essa conjunção resulta no ônus que acompanha a obediência do Eu diante dos imperativos do mundo externo e do Supereu: a necessidade de sacrificar e restringir a própria organização.

Isto é, sabemos que para efeitos de compensação por ter inibido e danificado uma parte do Id, o Eu deve renunciar à própria soberania tomando parte na formação de compromisso que o sintoma representa. Esta parte, sob o efeito do recalque, se encontra à margem da consciência; passa, então, a dispor de uma certa independência e a se desenvolver exclusivamente segundo as leis do inconsciente, o qual se demonstra imune às ordenações do tempo cronológico e às considerações da realidade material. Tal conformação desemboca em um cenário no qual o surgimento de novas tendências análogas ao recalque ficam à mercê de um certo automatismo: a compulsão à repetição.

Freud ([1926]/2014) relaciona esse fenômeno a uma fixação libidinal no recalque, a qual exerce uma atração regressiva sobre a libido. Ou seja, ainda que a situação de perigo que impeliu a tentativa de fuga originalmente não exista mais, os novos cursos pulsionais percorrem os mesmos caminhos daquilo que fora submetido ao recalque, conferindo atualidade a esses protótipos inconscientes. À vista disso, marcando a importância dessa construção teórica freudiana para a compreensão da neurose, Miller comenta que “algo proporcionado efetivamente pela psicanálise é que a vida é fundamentalmente uma repetição, que temos a ilusão do novo, mas, de fato, a vida é constituída pela repetição” (1987, p. 67). Essa particularidade dos processos psíquicos certamente gera repercussões no trabalho analítico com os pacientes neuróticos: de um lado, o Eu se dispõe a salvaguardar a barreira do recalque mediante a resistência ao tratamento; do outro, o recalque inconsciente compele o sujeito à repetição, a qual se manifesta enquanto “o ato pelo qual a pulsão é presentificada, mas, ao mesmo tempo, o ato pelo qual ela permanece oculta” (Garcia-Roza, 1986, p. 52).

Tal proposição evidenciou-se na prática no tratamento fragmentário de Dora (Freud, [1905a]/2016), quando a paciente, segundo ele, o abandonou, dando um fim abrupto e precoce ao trabalho. Ao fazê-lo, repetiu com Freud a situação que viveu com Herr K; quis vingar-se do analista da mesma maneira que fez com o outro homem, quando acreditou ter sido enganada e abandonada por ele. No escrito desse caso, Freud antecipa a formulação que virá a desenvolver mais tarde de que, no contexto clínico, é precisamente no âmbito da transferência que se dá a repetição do recalque, substituta da recordação:

Que são as transferências? São novas edições, reproduções dos impulsos e fantasias que são despertados e tornados conscientes à medida que a análise avança, com a substituição – característica da espécie – de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Colocando de outra forma: toda uma série de vivências psíquicas anteriores é reativada, mas não como algo passado, e sim na relação atual com o médico ([1905a]/2016, p.312).

Em momento posterior da obra, no tocante à função de repetição exercida pela transferência analítica, o autor aprofunda:

Os impulsos inconscientes não querem ser lembrados como a terapia o deseja, procurando, isto sim, reproduzir-se de acordo com a atemporalidade e a capacidade de alucinação do inconsciente. Tal como nos sonhos, o doente atribui realidade e atualidade aos produtos do despertar de seus impulsos inconscientes; ele quer dar corpo a suas paixões, sem considerar a situação real. O médico quer levá-lo a inserir esses impulsos afetivos no contexto do tratamento e no da sua história, a submetê-los à consideração intelectual e conhecê-los segundo o seu valor psíquico. Essa luta entre médico e paciente, entre intelecto e vida instintual, entre conhecer e querer “dar corpo”, desenrola-se quase exclusivamente nos fenômenos da transferência (Freud, [1912a]/2010, p. 146).

Nessa lógica, a transferência, enquanto exemplar da dinâmica de repetição do inconsciente, permite a contemplação das moções pulsionais ocultas do analisando na atualidade das sessões, de modo que “a emergência da transferência assinala que os processos inconscientes foram ativados” (Miller, 1987, p. 62). Embora substitua a recordação, apresenta-se também como artifício imprescindível para o curso do trabalho analítico, justamente em virtude do fato de proporcionar uma renovação do conflito que originou os sintomas neuróticos, colocando-o no raio de ação da intervenção clínica. Uma vez estabelecida a relação transferencial com o analista, a neurose original é substituída por uma reedição artificial, temporária e acessível ao tratamento, a “neurose de transferência” (Freud, [1920]/2010). De acordo com Birman (1993), tal conceito é introduzido por Freud nas teorizações acerca do processo analítico com o objetivo de designar a repetição que o analisante realiza dentro do laço transferencial, mediante a representação de sua neurose infantil.

Nasio (1999) descreve esse produto do inconsciente como um tecido vivo, criado na abertura do tratamento, que cresce e que se multiplica em torno de um único ponto opaco: o analista. Este, enquanto o próprio centro dessa estrutura, atua como um operador que pode manobrá-la, desmontá-la, isto é, interpretá-la. Por outro lado, no mesmo sentido em que a resistência faz uso da transferência para manter o estatuto do recalcado enquanto tal, participa também do favorecimento da tendência para a atuação, tendo em vista que a recordação

permaneça inviabilizada: quanto maior a pressão das resistências, mais frequentemente o recordar será substituído pelo repetir (Freud, [1914]/2010).

O cerne do procedimento de domar a compulsão à repetição e de transformá-la em motivo para a recordação está, portanto, no manejo da transferência (Freud, [1914]/2010). Como destaca Garcia-Roza, “se a repetição é o que impede a reminiscência, ela é, ao mesmo tempo, o sinal irrecusável do conflito psíquico; se por um lado é uma forma de resistência, por outro é o mais poderoso dos instrumentos terapêuticos” (1986, p. 22). Caso a repetição transferencial seja devidamente instrumentalizada para fins de cura, os atos repetitivos mais significativos podem ser inibidos e interpelados pelo trabalho analítico, que possibilitaria “dar solução a algo que o paciente gostaria de descarregar através de uma ação” (Freud, [1914]/2010, p. 204). Tal solução é relativa a um ganho de saber pelo sujeito acerca do sentido velado no próprio funcionamento sintomático, à medida que as resistências são desmontadas e as pré-condições inconscientes são tornadas conscientes, levando a uma progressiva eliminação dos sintomas.

Compreende-se, nesse ponto, que a recordação tem a ver com uma recondução às vivências e impressões passadas do analisando a partir daquilo que ele vivência como real e atual, visto que é “do arsenal do passado que o doente retira as armas com que se defende do prosseguimento da terapia, as quais temos de lhe arrancar peça por peça” (Freud, [1914]/2010, p. 202). Quando a libido passa das formações sintomáticas para se concentrar na transferência, o neurótico tende a agir pela repetição dos moldes estabelecidos no passado; no entanto, o manejo clínico deve obrigá-lo a optar por outro caminho (Freud, [1917c]/2014). No conflito renovado, o recalçamento deve ser suspenso para que a libido não torne a subtrair-se do Eu na fuga para o inconsciente, de modo a possibilitar a troca das antigas reações por outras correspondentes a um estado de maturidade psíquica. A propósito das qualidades do psiquismo, mais especificamente do Id inconsciente, que justificam a pertinência desse procedimento para o tratamento, Freud declara:

[...] não há alteração do evento psíquico pelo transcurso do tempo. Desejos que nunca foram além do Id, mas também impressões que pela repressão afundaram no Id, são virtualmente imortais, comportam-se, após décadas, como se estivessem acabado de surgir. Podem ser reconhecidos como passado, desvalorizados e privados de seu investimento de energia somente quando se tornam conscientes mediante o trabalho analítico, e é nisso que se baseia, em medida nada pequena, o efeito terapêutico do trabalho analítico ([1933]/2010, p. 216).

Desse modo, tal processo que se dirige à ampliação do poder e da influência do Eu sobre as tendências pulsionais, enquanto este se encontra cindido e debilitado pela neurose, perpassa uma produção (ou resgate) de certo saber do sujeito acerca de si, acerca da complexa tessitura de sentidos — inconscientes — forjados em seu percurso. A compulsão à repetição, nessa perspectiva, abre os caminhos para essa investigação, visto que é um modo de recordar do paciente, o qual “provavelmente não podia manifestar-se até que o trabalho terapêutico, vindo-lhe ao encontro, afrouxou a repressão” (Freud, [1920]/2010, pp. 178-179).

A insistência das impressões infantis, a despeito da conscientização destas, se traduz na afirmativa de Freud ([1940]/2018) de que o garoto é, em termos psíquicos, pai do adulto. Cabe adicionar, como complemento a essa observação, que, devido à clivagem subjetiva, o adulto muito pouco sabe sobre o garoto. No entanto, “tudo de essencial está preservado, até mesmo o que parece inteiramente esquecido se acha presente de algum lugar e de algum modo, apenas soterrado, tornado indisponível para a pessoa” (Freud, [1937b]/2018). Assim, a partir do material discursivo colocado à disposição do trabalho analítico, o clínico deve atentar-se às formações do inconsciente e às subsequentes alusões a lembranças perdidas, buscando favorecer um desvelamento dos sentidos disso que se apresenta de forma cifrada e, assim, permitir que algo se elabore. A partir da repetição em ato na transferência, vislumbra-se a presentificação de algo que insiste, por vias deslocadas, distorcidas, mas que indica a conservação e o retorno de toda uma série complexa de “matrizes e modelos construídas no passado, de uma imagem idealizada de si até as interpretações igualmente idealizadas ou persecutórias dos personagens edípicos, seus representantes e seus substitutos ao longo da vida” (Simanke, 2024, p. 64)

CAPÍTULO 3 - A COMPULSÃO À REPETIÇÃO PARA ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER

A repetição, até aqui, foi dissecada enquanto particularidade manifesta em diversos processos psíquicos observados nos quadros neuróticos, sobretudo com apoio nos pontos de vista dinâmico e topológico da metapsicologia¹⁷ freudiana. Contudo, será com um enfoque no viés econômico que Freud ([1920]/2010) irá formalizar o mais significativo conceito de sua obra no que tange à qualidade repetitiva do psiquismo – a compulsão à repetição –, no contexto de uma retificação da teoria das pulsões vigente até então. A constatação deste fenômeno, ligado a uma repetição impulsiva e insistente de eventos desagradáveis, suscitará interrogações acerca da soberania atribuída ao princípio do prazer desde os primórdios da psicanálise, o que será formalizado por Freud no escrito “Além do princípio do prazer” ([1920]/2010).

3.1 Os fenômenos de repetição do desprazer: a origem de uma modificação teórica

Em “O inquietante” ([1919]/2010), Freud aborda o horror provocado pelo encontro repetido (e não deliberado) com o mesmo, o qual torna inquietante aquilo que normalmente é inofensivo e recobre o acaso com ares de fatalidade. O despertar dessa sensação decorre do fato de que tais vivências reavivam algo que é muito familiar, mas que se encontra velado, referente a complexos infantis recalçados ou a crenças primitivas superadas. Nesse texto, Freud menciona a tese de que, no psiquismo, haveria uma compulsão à repetição proveniente da natureza íntima das pulsões, forte o suficiente para sobrepor-se ao princípio do prazer. Essa característica conferiria a determinados aspectos psíquicos um caráter demoníaco, de modo que “será percebido como inquietante aquilo que pode lembrar essa compulsão à repetição interior” (Freud, [1919]/2010). O autor, desse modo, antecipa formulações que voltaria a desenvolver mais profundamente na publicação seguinte, em “Além do princípio do prazer” ([1920]/2010).

Para abordar alguns pontos relevantes deste texto, conhecido por representar a ultrapassagem da concepção de um modelo regido de maneira integral pelo princípio do

¹⁷ Metapsicologia é um termo utilizado por Freud para designar os modelos teóricos que estruturam a psicanálise e que visam explicar os processos psíquicos nas suas relações dinâmicas, tópicas e econômicas. O ponto de vista dinâmico diz respeito ao conflito das forças pulsionais, o tópico à localização nas instâncias psíquicas, e o econômico à distribuição quantitativa dos investimentos (Laplanche; Pontalis, [1982]/2022).

prazer, faz-se necessário, primeiramente, retomar as bases que o precederam. Nos escritos pré-psicanalíticos, mais especificamente no “Projeto de uma psicologia” ([1895]/2025), Freud concebeu dois modos de funcionamento do aparelho psíquico, que vieram a subsistir como conceitos chave até o final da obra do autor: o processo primário e o processo secundário.

O processo primário, próprio do inconsciente, corresponde a um funcionamento específico do psiquismo no qual a energia psíquica circula livremente, com investimentos móveis que podem ser deslocados, transferidos e condensados na ligação com as representações¹⁸ (Garcia-Roza, [1991]/2008). Essas quantidades de excitação interna pressionariam por descarga, da maneira mais rápida e direta, em conformidade com o princípio de prazer; isto é, de acordo com uma tendência do aparelho psíquico de buscar conservar a tensão no nível mais baixo possível, ou ao menos em nível constante, seja para evitar o desprazer que resultaria do aumento dessa tensão ou para gerar prazer (Freud, [1920]/2010). Sob essa perspectiva, segundo o princípio do prazer, aumento e decréscimo de excitação corresponderiam, respectivamente, ao desprazer e ao prazer, sendo este último o objetivo final que regeria as moções pulsionais.

Já o processo secundário, ligado ao Eu consciente, consiste em uma modificação do primário, produzida pela influência do mundo externo, o qual exige consideração pelo princípio de realidade para fins de autoconservação. Nesse funcionamento, a energia não é livre, mas sim “ligada”¹⁹, predominantemente parada, o que permite uma certa regulação associada à renúncia pulsional, ao adiamento das satisfações e à aceitação temporária de desprazer. Notadamente, essa modificação do aparelho psíquico não representa de modo algum uma deposição do princípio do prazer; pelo contrário, trata-se da salvaguarda deste, na medida em que o abandono de uma satisfação incerta e momentânea pode possibilitar ganhos mais seguros posteriormente (Freud, [1911]/2010).

É ainda sob a vigência dessa perspectiva que Freud menciona a compulsão à repetição pela primeira vez, em “Recordar, repetir e elaborar” ([1914]/2010). Trata-se de uma versão incipiente do conceito, que se refere ao fenômeno clínico da atuação e que antecede a articulação da repetição a um funcionamento anárquico, mais primitivo e independente do princípio do prazer:

¹⁸ “Representação (Vorstellung) — é um dos representantes psíquicos da pulsão. Enquanto tal, opõe-se ao afeto (affekt) [...] Não se trata apenas de um correlato a nível psíquico do objeto, mas de uma inscrição desse objeto nos sistemas mnêmicos” (Garcia-Roza, [1994]/2009, p. 117).

¹⁹ Considera-se que a energia se encontra em estado ligado quando está vinculada a uma ideia ou a uma representação, além de inserida nos circuitos associativos que compõem a organização do psiquismo (Simanke, 2024).

Nesse momento, para Freud, o psiquismo é regido pelo princípio do prazer versus o princípio da realidade, sendo a busca do prazer a grande meta das representações desejantes da pulsão sexual. Com essa premissa constituída, mais a ideia de pontos de fixação da libido, no decorrer do desenvolvimento libidinal, tem-se estabelecido que a compulsão à repetição é produto da história erótica de cada sujeito. E está comprometida com a busca do prazer, visando reviver o que foi gratificante em algum momento do passado esquecido. Portanto, essa compulsão à repetição está a serviço do princípio do prazer, calcada no processo primário [...] (Paim Filho, 2010, p. 119).

Na parte inicial das elaborações construídas em “Além do princípio do prazer” ([1920]/2010), Freud aponta para o fato, já bem estabelecido, de que o princípio em questão não exerce um domínio irrestrito sobre o curso dos processos psíquicos. Estes são frequentemente acompanhados pelo desprazer, como pode ser notado, por exemplo, nos desdobramentos das renúncias impostas pelo princípio de realidade, nos conflitos neuróticos e em certas modalidades da repetição. A esse respeito, o autor comenta: “O que pode então suceder é que haja na psique uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações, de modo que o resultado final nem sempre corresponde à tendência ao prazer” (Freud, [1920]/2010, p. 165). No entanto, mesmo tais fontes de sofrimento se mantêm em congruência com o princípio do prazer: trata-se apenas de um desprazer de percepção. Um desprazer tópico, restrito a uma das instâncias psíquicas, isto é, ao Eu (Mezan, 2013). Isso porque, assim como revela o estudo das neuroses, o retorno do recalado favorece uma satisfação substitutiva para a moção pulsional que não pôde ser efetivada devido a uma incompatibilidade com a coerência do Eu consciente; ou seja, o que é percebido como desprazer por esse sistema pode representar prazer a nível inconsciente.

Uma vez esclarecido o paradigma anterior, na direção do desenvolvimento de uma nova concepção sobre o aparelho psíquico, Freud ([1920]/2010) coloca a questão do prazer em discussão, sob a égide da repetição, a partir da análise de três tipos de fenômenos: as brincadeiras infantis, os sonhos traumáticos e a compulsão à repetição no campo transferencial. O autor, dessa maneira, levanta questionamentos acerca da natureza de certos processos fundamentados no desprazer, procurando averiguar se existem satisfações menos evidentes embutidas nessas repetições, ou se adentram um domínio mais primitivo, independente do princípio do prazer.

A primeira unidade de análise abordada por Freud, nesse fio argumentativo, é o fenômeno dos sonhos encontrados nos quadros de neurose traumática, os quais sustentam um padrão que se contrapõe à teoria freudiana sobre a função onírica de realização de desejos. Verifica-se, nessas circunstâncias, uma fixação psíquica à vivência traumática, que promove

nos sonhos um retorno insistente para a situação do acidente que desencadeou a neurose. Para a etiologia dessa modalidade de adoecimento, o fator surpresa, atrelado ao estado de terror, é crucial. O inesperado implica a ausência de angústia, a qual exerce a função de antecipar a situação de perigo e de, assim, permitir que haja uma preparação para ela. Nesse caso, é possível constatar, de fato, um impasse que exige uma explicação outra que não a de uma simples obtenção de prazer implícita. O ponto das neuroses traumáticas será retomado mais adiante.

Em seguida, Freud ([1920]/2010) aborda a situação de um menino de dezoito meses que representava simbolicamente a ausência materna, ao encenar o desaparecimento da mãe lançando objetos para longe de si de forma repetida. Quando arremessava seu carretel de madeira para fora do próprio campo de visão, a criança exclamava algo semelhante a “fort”, que significa “foi embora” na língua alemã. Depois, eventualmente, recuperava o brinquedo, puxando-o de volta, forjando um reaparecimento que era saudado com um enérgico “da” (“está aqui”). Apesar do prazer maior se encontrar na segunda parte do jogo, era a primeira, justamente a parte desagradável, que se repetia isoladamente múltiplas vezes, expressando uma aparente contradição com o fato de que a ausência da mãe não poderia ser agradável ou indiferente para esse garoto. Então, no intuito de explicar a ação curiosa, Freud fornece algumas hipóteses interpretativas, explicitando de que maneiras a criança estaria, paradoxalmente, obtendo prazer no desprazer. Dentre as interpretações expostas, o autor menciona a brincadeira como um meio que possibilitaria ao menino a assunção de uma postura ativa diante de uma vivência que o designava a uma posição de pura passividade; cita, também, a oportunidade de satisfação de um impulso suprimido de vingança frente à mãe que o abandona. Contribuindo à análise do ato e da consonância do mesmo com o princípio do prazer, Garcia-Roza discorre:

Com isso, ela submetia as forças pulsionais às leis do processo secundário e ao mesmo tempo afastava-se, pela linguagem, da vivência real. Não podendo controlar as saídas e chegadas da mãe, às quais ela se submetia passivamente, conseguia exercer um domínio simbólico sobre o acontecimento através do distanciamento operado pela linguagem ([1994]/2009, pp. 134-135).

Nessa lógica, de modo geral, as crianças repetem brincando acontecimentos que lhes produziram fortes impressões, como maneira de atenuar a intensidade destas e de se tornarem “donas da situação” (Freud, [1920]/2010). Logo, o caráter penoso de uma vivência não funda uma incompatibilidade com a brincadeira; ao contrário, constrói-se, nessa espécie de

repetição, um meio de tornar objeto de recordação e de elaboração psíquica aquilo que é desprazeroso, o que conflui com uma intenção final de alcance de prazer. A observação de tais situações, portanto, não possibilitaria uma mudança de paradigma teórico, dado que “pressupõem a existência e o domínio do princípio do prazer, não atestam a operação de tendências além do princípio do prazer, isto é, que seriam mais primitivas que ele e independentes dele” (Freud, [1920]/2010, p. 176).

Por fim, Freud pauta o fenômeno da repetição no contexto do tratamento analítico, com enfoque no tema das resistências ligadas à compulsão à repetição. Nesse sentido, retoma alguns dos pontos estabelecidos anteriormente no texto “Repetir, Recordar e Elaborar” ([1914]/2010), tratando da tendência do neurótico a repetir os conteúdos recalçados – relativos ao complexo de Édipo e a seus derivados – ao invés de recordar-se destes como pertinentes ao passado. Esclarece, nessa perspectiva, que a resistência ao trabalho procede do Eu coerente, o qual, a serviço do princípio do prazer, objetiva evitar o desprazer que seria gerado em virtude do desvelamento do representante ideativo da pulsão censurado pelo recalque. Enquanto isso, a compulsão à repetição pode ser atribuída ao recalçado inconsciente, tendo em vista que “o ‘reprimido’ não promove qualquer resistência aos esforços da terapia, ele mesmo não procura senão, apesar da pressão que sobre ele pesa, abrir caminho rumo à consciência ou à descarga através da ação real” (Freud, [1920]/2010). Qual seria, então, a relação da compulsão à repetição com o princípio em questão? A esse respeito, Freud denota:

É claro que a maior parte do que a compulsão à repetição faz reviver causa necessariamente desprazer ao Eu, pois traz à luz atividades de impulsos instintuais reprimidos, mas é um desprazer que já consideramos, que não contraria o princípio do prazer, é desprazer para um sistema e, ao mesmo tempo, satisfação para outro. Mas o fato novo e digno de nota, que agora temos que descrever, é que a compulsão à repetição também traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfações; mesmo de impulsos desde então reprimidos ([1920]/2010, p. 179).

O que produz um ponto de ruptura na teoria freudiana no que concerne às concepções do funcionamento regente do aparelho psíquico, então, não é simplesmente a repetição, mas a face “demoníaca” (Freud, [1920]/2010) desta. Ao observar certos fenômenos que se impõem ao sujeito neurótico repetidamente a despeito de toda e qualquer perspectiva de obtenção de satisfação pulsional, Freud é impelido a admitir que existe algo na vida psíquica que se opõe em absoluto ao princípio do prazer. Esses fenômenos dizem respeito, sobretudo, às atitudes

manifestas no campo transferencial, quando o analisando coloca em ato experiências traumáticas do passado na relação com o analista, como se fossem pertinentes somente ao momento presente, sem recordar-se do conteúdo inconsciente que lhes origina. A diferença entre a maneira como Freud tratou desse tema em “Recordar, Repetir e Elaborar” ([1914]/2010) e anos depois em “Além do princípio do prazer” ([1920]/2010) é que, no primeiro, a compulsão à repetição ainda não havia sido concebida como um possível contraponto ao princípio do prazer. Fato é que, como delimita o segundo escrito, não são apenas os prazeres renunciados que as repetições fazem perseverar no tempo; aquilo que é experimentado de pior na fase de constituição sexual da infância igualmente retorna.

Tal como visto nos capítulos anteriores, a sexualidade infantil propicia uma série de satisfações libidinais às quais o sujeito neurótico permanece atrelado a nível inconsciente; ao mesmo tempo, ela inclui circunstâncias e sensações dolorosas referentes à frustração na qual esse período, fadado ao declínio, desemboca. O desfecho da primeira infância é geralmente marcado por variadas fontes de decepção, como a quebra da onipotência narcísica, a desilusão dos laços amorosos incestuosos e as fortes limitações na pesquisa sobre o sexual (Freud, [1920]/2010). Essas vivências guardam a peculiaridade de que estiveram desde o início referidas ao desprazer, mas, ainda assim, são repetidas irrefletidamente na relação com o analista durante o tratamento. A título de exemplificação e de esclarecimento desse tipo de compulsão à repetição na transferência, Freud indica:

Todas essas situações não desejadas e emoções dolorosas são repetidas pelo neurótico na transferência e revividas com grande habilidade. Eles procuram interromper o tratamento incompleto, sabem criar de novo a impressão de desdém, forçar o médico a dizer-lhes palavras duras e conduzir-se friamente com eles [...]. Nenhuma dessas coisas podia proporcionar prazer naquele tempo; seria de crer que hoje produziriam menor desprazer se emergissem como lembranças ou em sonhos. Trata-se, naturalmente, da ação de instintos que deveriam levar à satisfação, mas não trouxe frutos a lição de que também naquela época eles produziram somente desprazer. A ação é repetida, apesar de tudo; uma compulsão impele a isso ([1920]/2010, p. 181).

O mesmo padrão pode ser observado na vida de pessoas não neuróticas que experimentam um “eterno retorno do mesmo” (Freud, [1920]/2010), como um traço demoníaco que as persegue. Essa insistência de um mesmo – desagradável – encadeamento dos acontecimentos e das relações, reflete algo preparado pelo próprio sujeito e determinado por influências da primeira infância. Essas raízes, evidentemente, mantêm-se inconscientes, o que implica a compulsão à repetição. Em certas circunstâncias, nota-se um comportamento

ativo da pessoa na produção desse fim que é sempre o mesmo, o que revela um traço de caráter manifestado pela via da repetição. Por exemplo, alguém que, numerosas vezes durante a vida, eleva uma pessoa ao estatuto de grande autoridade para si, até derrubá-la e substituí-la por outra (Freud, [1920]/2010). Em outras situações, e de maneira mais curiosa, o desfecho repetido está fora do campo de influência do sujeito, como se as recorrências revelassem a imposição de um destino.

Sendo assim, a partir dessas elaborações acerca da conduta dos pacientes na transferência e dos desfechos repetidos no curso de vida das pessoas, Freud dá um passo na direção de firmar uma modificação teórica, anunciando que “sentimo-nos encorajados a supor que na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer” ([1920]/2010, p. 183). Prossegue, dessa maneira, à justificativa de tal hipótese, tendo em vista a origem, o funcionamento e a finalidade dessa compulsão, de acordo com o ponto de vista econômico da metapsicologia. Para isso, propõe um estudo, chamado por ele de “especulação, às vezes especulação extremada” (Freud, [1920]/2010, p. 184), que focaliza o mecanismo de proteção contra estímulos do psiquismo em articulação com o conceito de trauma psíquico, o qual seria oriundo de uma falha nesta função.

Nesse viés, a fim de avançar nas elaborações acerca da compulsão à repetição, Freud evoca saberes do campo da Biologia para teorizar sobre os primórdios do funcionamento do aparelho psíquico, a partir de uma analogia com o estado mais incipiente e simplificado de um organismo vivo. Este seria composto por uma vesícula de substância excitável com uma superfície, diferenciada por sua localização fronteira, a qual atua como um escudo protetor e regulador ante os estímulos externos e internos (Freud, [1920]/2010). Essa camada superficial, que se transforma em uma espécie de casca inorgânica, absorve a intensa massa de excitação provinda do mundo exterior e possibilita que esta penetre nas camadas adjacentes, ainda vivas, de maneira atenuada; caso contrário, a vesícula seria aniquilada pelo impacto da estimulação externa. Existem circunstâncias, todavia, que envolvem uma quantidade de excitação excessiva a ponto de romper essa barreira: são as circunstâncias chamadas traumáticas, que produzem a irrupção no interior da vesícula de uma massa incontrolada de excitação, isto é, de energia em estado “livre” (Mezan, 2013).

Tal efeito se traduz na perturbação da função de gerenciamento de energia do organismo, da qual advém a necessidade de colocar o princípio do prazer de lado e de, por meio da repetição, dar conta dessa excitação que não pôde ser subjetivada. Dessa maneira, a tarefa – já impossível – de evitar o aumento de tensão é substituída por outra, “a de controlar

o estímulo, de ligar psicologicamente as quantidades de estímulo que irromperam, para conduzi-las à eliminação” (Freud, [1920]/2010, p. 192). Esse processo de “ligamento”, encontrado inclusive nos sonhos traumáticos, consiste em transformar o investimento de energia que flui livremente pelo aparelho, pressionando por descarga, em investimento imobilizado.

Enquanto a superfície mencionada seria análoga ao sistema Pcp-Cs, o que Freud ([1920]/2010) chama de “camadas adjacentes” do organismo vivo pode ser correlacionado ao inconsciente; nele, os investimentos pulsionais circulam de forma livre, de modo que podem ser deslocados, transferidos ou condensados. Esses processos correspondem ao funcionamento “primário” do aparelho psíquico, enquanto a função de “ligar” essa excitação seria pertinente ao processo secundário, relativo à consciência. Assim, vale notar que uma virada teórica significativa estabelecida neste texto é que o princípio do prazer deixa de ser correlato ao processo primário, como fora estabelecido na primeira tópica freudiana²⁰. Nesta nova concepção, esse processo precisa ser inibido, transformado em processo secundário, para que o princípio do prazer possa vigorar; ou seja, os processos primários se encontram sempre para além do princípio do prazer (Rudge, 2006).

Ao fracasso da operação de ligar um grande volume de excitação atribui-se o motivo de certos distúrbios econômicos, uma vez que o ligamento é um ato preparatório que antecede e condiciona a efetivação do princípio do prazer, de forma que a tarefa de “controlar ou ligar excitação, teria precedência, não em oposição ao princípio do prazer, é certo, mas de forma independente dele e sem consideração por ele, em parte” (Freud, [1920]/2010, p. 199). Um desses distúrbios seria a neurose traumática, a qual, como supracitado, é marcada pelo retorno nos sonhos à situação do acidente pelo qual o sujeito fora acometido. Antes de adentrar a explicação do movimento de repetição que comparece nesses quadros, faz-se necessário pontuar algumas características dos processos psíquicos referentes à regulação dos estímulos externos.

De modo geral, em decorrência de um rompimento da barreira de proteção, um alto nível de contrainvestimento²¹ é produzido no psiquismo com o objetivo de, mediante o

²⁰ As tópicas freudianas se referem aos modelos teóricos que delimitam diferenciações tópicas no aparelho psíquico, dividindo-o em instâncias e sistemas que são dotados de diferentes funções e características e que se relacionam entre si. A primeira tópica distingue os sistemas Inconsciente (Ics), Pré-Consciente (Pcs) e Consciente (Cs). Já a segunda postula a existência de três instâncias: Id, Eu e Supereu (Laplanche; Pontalis, [1982]/2022).

²¹ Processo econômico da dinâmica de defesa do Eu, que consiste no investimento de um elemento do sistema Pcs-Cs, impedindo a aparição, em seu lugar, da representação recalçada. No contexto de “Além do princípio do prazer” (Freud [1920]/2010), trata-se de uma resposta ao traumático, definida pela mobilização de energia

ligamento, acolher essa energia. Dentro dessa lógica, a angústia, quando antecede uma situação traumática, viabiliza uma preparação para o impacto por meio do sobreinvestimento dos sistemas receptores, atuando como uma última linha de barreira contra os estímulos. Nesse sentido, o fator surpresa pertinente à etiologia das neuroses traumáticas se refere a uma ausência de angústia, de forma que as excitações chegam ao sistema em uma situação de baixo investimento, na qual este se encontra inapto para realizar a operação de proteção; as consequências da ruptura são, nesse contexto, mais violentas e significativas (Freud, [1920]/2010). Então, no lugar da função onírica “normal”, de realização dos desejos pela via da satisfação alucinatória, manifesta-se uma compulsão à repetição que serve à tentativa de lidar retrospectivamente com as excitações que romperam a barreira de proteção do psiquismo, por meio do desenvolvimento da angústia que deveria ter precedido o momento traumático e cuja ausência provocou o adoecimento.

Vale pontuar que essas noções desenvolvidas por Freud não surgiram de forma inédita em 1920. Como um germen desse pensamento, o autor já havia esboçado algo semelhante que apontaria para a dimensão constitutiva da repetição na vida mental, quando descreve, no “Projeto para uma psicologia científica” ([1895]/2025), a forma como os sistemas psíquicos lidam com o desprazer gerado pela recordação de vivências dolorosas (Simanke, 2024). Nesse escrito, Freud teoriza que a experiência de dor seria oriunda da irrupção de uma quantidade de energia psíquica excessiva a ponto de incapacitar os dispositivos responsáveis pela proteção do aparelho psíquico. Segundo ele, de forma análoga ao que ocorre na vivência de satisfação, a experiência dolorosa produziria: uma sensação de desprazer associada ao aumento de tensão, uma tendência à descarga, e uma facilitação entre essa tendência e a imagem do objeto que provocou a dor. Caso a imagem do objeto em questão seja reinvestida, a vivência será repetida de certo modo, dessa vez como um afeto acompanhado de desprazer (Garcia-Roza, [1991]/2008).

Observa-se a colocação preliminar de um problema para a economia do princípio do prazer, visto que, segundo essa teoria, “percepções muito intensas deixam no psiquismo recordações que despertam desprazer. Essas recordações retornam repetidamente a princípio, até que sejam um pouco atenuadas” (Simanke, 2024, p. 40). Tais lembranças são referidas por Freud ([1895]/2025) como “recordações ainda indomadas”, isto é, são recordações que ainda não foram submetidas ao trabalho de regulação realizado pelo Eu. Essa instância psíquica

interna com o objetivo de criar uma barreira frente ao afluxo das excitações externas (Laplanche; Pontalis, [1982]/2022).

seria responsável pela ligação das quantidades de excitação, possibilitando que estas passem do estado de livre circulação para o estado de imobilidade. Tal operação seria realizada através de um processo repetitivo, constituído por sucessivas tentativas de assimilação das consequências das vivências desprazerosas e de controle do desprazer que estas geram de forma insistente para o psiquismo (Simanke, 2024). Esse escrito, porém, foi mantido fora das publicações oficiais, e as construções a respeito de um modo primário do funcionamento do aparelho psíquico, que antecede e é condição de possibilidade para a prevalência do princípio do prazer, foram deixadas em suspenso por Freud em textos posteriores que de fato compuseram a obra. Como analisa Caropreso,

Desaparece, assim, a ideia de que haveria um modo primário de operação do aparelho que conduziria à reativação de representações desprazerosas, o qual não poderia ser evitado enquanto as representações não fossem ligadas. Parece estar pressuposto na teoria que os processos, desde o início, possuiriam a capacidade de evitar uma nova ocupação de representações que um dia despertaram desprazer (2006, p. 134).

Como uma recuperação dessa ideia, Freud atesta oficialmente em “Além do princípio do prazer” ([1920]/2010) a existência de uma função do psiquismo que age independentemente do princípio do prazer: a função de ligamento psíquico de impressões traumáticas, mais primitiva do que o objetivo de obter prazer e evitar desprazer. A ligação da energia livre às representações — viabilizada pela repetição — é imprescindível para que o volume de excitação seja dominado e, por conseguinte, para que o princípio do prazer possa vigorar (Mezan, 2013). Como explicam Antonello e Herzog:

É através da ligação que a energia pulsional pode assumir formas organizadas e ser representada psiquicamente. Ligar consiste em amarrar a energia pulsional a certos conteúdos; significa um freio, uma contenção dessa energia. A partir da ligação da energia pulsional, ou seja, de sua representação, é possível construir uma narrativa que serve para ordenar os acontecimentos vividos ou fantasiados em uma sucessão histórica e temporal, permitindo assim dar um sentido a uma vivência. Através da simbolização, o representante pulsional deve encontrar uma expressão diferente da compulsão à repetição. Entretanto, caso não seja possível realizar processos de simbolização, ou seja, caso o eu não consiga efetuar essa ordenação, temos aí algo caótico, estranho ao eu, conhecido como o irrepresentável (2012, p. 119).

Na próxima seção, serão abordados os desdobramentos teóricos dessas atualizações para a teoria freudiana das pulsões.

3.2 Pulsão de morte e a radicalidade da repetição

Após discorrer a respeito dos processos que compõem o funcionamento do aparelho psíquico sob a ótica da compulsão à repetição, Freud ([1920]/2010) retoma o tema dos fenômenos repetitivos explorados anteriormente por ele – a neurose traumática, as brincadeiras infantis e a repetição na transferência. Salienta, a partir disso, o fato de que a compulsão observada nesses quadros se define por um caráter impulsivo, pulsional, e, quando há uma contraposição ao princípio do prazer, por um caráter demoníaco ([1920]/2020). Este último é o caso daquilo que se desdobra na relação transferencial dentro do contexto clínico, quando o analisando revela em seu comportamento traços infantis que dizem respeito a lembranças recalçadas de experiências dolorosas da primeira infância: tal manifestação guarda a peculiaridade de desconsiderar de todo modo o princípio do prazer. Nessas situações, o recalçado pressiona por retorno, a despeito do desprazer gerado a cada nova repetição, enquanto o Eu – guardião do princípio do prazer – impede o acesso desse conteúdo à linguagem da consciência. Uma vez bloqueada a rememoração, não resta outra saída ao recalçado a não ser repetir-se indefinidamente e compulsivamente (Mezan, 2013).

Tendo em vista a qualidade pulsional que constitui a compulsão à repetição, Freud ([1920]/2010) atribui à pulsão um caráter eminentemente regressivo, de forma que esta passa a ser definida como um impulso, inerente a todo organismo vivo, que tende à restauração de um estado anterior. Dentro dos conformes da primeira tópica do aparelho psíquico, as pulsões associavam-se às noções de mudança e de desenvolvimento, sendo descritas por Freud como “autênticos motores dos progressos” ([1915]/2010). Em contraposição, no texto “Além do princípio do prazer” ([1920]/2010), ele concebe a pulsão como pulsão de morte, como uma expressão da inércia e da natureza conservadora do organismo vivo, que busca retornar ao estado de equilíbrio inorgânico que fora perturbado por forças externas. O desenvolvimento, nessa lógica, teria sido resultado da ação dessas forças, as quais desviaram a pulsão de seu objetivo final – o de manter indefinidamente o estado das coisas (Garcia-Roza, [1994]/2009). Assim, a pulsão de morte produz a repetição do mais arcaico, com a finalidade de conduzir o ser vivente à condição da qual se originou; isto é, a meta da morte é a meta de repetir o estado anterior ao nascimento (Mezan, 2013).

Sob esse viés, nota-se que a nova teoria das pulsões advém como um desdobramento lógico da compulsão à repetição, a qual pode ser considerada a expressão mais pura da exigência pulsional. Em outras palavras, os empenhos de conservação e de restauração que

caracterizam a pulsão de morte produzem os fenômenos de compulsão à repetição; a observação dos últimos permitiu a inferência dos primeiros. Vale salientar, mais uma vez, que a repetição abordada na primeira tópica freudiana se distingue desta tematizada na virada para a segunda tópica. A esse respeito, Simanke observa:

Vimos antes como as exigências pulsionais estavam, de longa data, na base da abordagem dos fenômenos da repetição na obra freudiana. As pulsões se esforçam por conservar, seja a existência do indivíduo (pulsões do Eu), seja a da espécie (pulsões sexuais). O retorno do mesmo na atividade psíquica (repetição) ficava, assim, explicado pela natureza de suas motivações fundamentais. Daí o apego ao passado, a sobrevivência das formas infantis da sexualidade, o retorno dos antigos padrões para a escolha de objeto etc. Mas, nesse quadro, as pulsões operavam inteiramente nos termos do princípio do prazer [...] A dor e o desprazer eram secundários e resultaram de alguma perturbação desse funcionamento, fosse pelos acidentes do mundo externo ou pela relativa incompatibilidade entre as metas das duas classes de pulsões que impeliavam o psiquismo e o conflito daí decorrente. Agora, no entanto, a repetição tem que ser primária e indiferente ao caráter prazeroso ou desprazeroso do que ela faz retornar. Se ela expressa o caráter essencial da exigência pulsional, o sentido dessa exigência precisa ser revisado (2024, p. 93).

Ao lado da pulsão de morte, para referir-se às metas das ditas pulsões sexuais e de autoconservação, Freud ([1923]/2011) postula a pulsão de vida (ou Eros), que tem por objetivo conservar e complexificar a vida, agregar elementos, estabelecer unidades cada vez maiores; isto é, ao contrário da pulsão de morte, que tende à dissolução de nexos, a pulsão de vida busca ligação. Esta não se contrapõe completamente àquela, visto que não possui como meta evitar a morte, mas evitar que ela ocorra de forma não natural: “o organismo pretende morrer apenas a seu modo; tais guardiães da vida também foram, originalmente, guarda-costas da morte” (Freud, [1920]/2010). Nessa perspectiva, pulsão de morte e pulsão de vida atuam conjuntamente, de modo que a aliança entre as duas se subordina ao predomínio de alguma delas, a depender das proporções (Mezan, 2013). Em contrapartida à fusão pulsional, Freud observa os casos de desfusão, nos quais há uma separação entre as duas e a pulsão de morte prevalece; é o que acontece em certas apresentações “demoníacas” da compulsão à repetição. A vida seria, então, “luta e compromisso entre essas duas tendências” (Freud, [1923]/2011). Acerca da disposição desta relação, Paim Filho elabora:

[...] pulsão de morte, antes de tudo, é a própria pulsão, o substantivo morte, inespecífico por natureza, vem para ressaltar o caráter indomado de uma força que persiste e insiste, como um fundo, além da ordem, em todo o indivíduo. Essa pulsão tem a fonte no soma, sua força é pura intensidade, tem como meta a descarga, e não a satisfação, pois, diferentemente da pulsão sexual, não tem objeto. Sendo assim, podemos inferir que a pulsão de morte é cega e que, ao ser enlaçada pela pulsão sexual, essa lhe dará o rumo a ser seguido (2010, p. 124).

Apesar de favorecerem operações distintas, ambas as faces revelam o caráter primordialmente conservador da pulsão, associado ao esforço de repetir, de “retornar ao passado, trazer de novo algo que alguma vez já esteve presente, restabelecendo um estado anterior do funcionamento psíquico e, em última instância, da própria história da vida” (Simanke, 2024, p. 96). A título de esclarecimento da qualidade conservadora da pulsão de vida, Garcia-Roza pontua:

Tanto as pulsões sexuais como as pulsões de autoconservação são consideradas pulsões de vida, já que ambas são conservadoras: as primeiras mantendo o padrão de repetição, isto é, garantindo a mesmidade do organismo; as segundas, preservando o organismo da influência desviante dos fatores externos e garantindo a normalidade do caminho para a morte. Eis aí o novo dualismo freudiano: em vez da antiga oposição pulsões sexuais vs. pulsões de autoconservação, temos agora a oposição pulsões de vida (que incluem as pulsões sexuais e as de autoconservação) vs. pulsões de morte ([1994]/2009, p. 137).

A concepção da nova teoria das pulsões favoreceu significativas repercussões teóricas no âmbito da pesquisa clínica, dentre as quais vale destacar a compreensão da pulsão de morte como fonte primordial dos fenômenos de resistência ao tratamento (Simanke, 2024). Como modalidade de resistência mais desafiadora encontrada no trabalho analítico, Freud ([1937a]/2018) descreve aquela sustentada pelo Supereu em estreita vinculação à pulsão de morte. Refere-se, nessa perspectiva, à situação peculiar de pacientes (mais especificamente neuróticos obsessivos e melancólicos) que reagem aos progressos da análise de forma inversa ao esperado, com pioras do estado de sofrimento. Isso acontece devido a um sentimento de culpa inconsciente que se coloca enquanto resistência intransponível: trata-se da reação terapêutica negativa. A culpa, que não é sentida e conscientizada pelo analisando como tal, “encontra satisfação no fato de estar doente e não deseja renunciar ao castigo de sofrer” (Freud, [1923]/2011, p. 62).

Nesses casos, especialmente graves, os obstáculos que se contrapõem ao tratamento revelam a prevalência no sujeito do chamado masoquismo moral, constituído por uma exigência de que o adoecimento persevere, em detrimento da vontade de cura (Freud, [1924]/2010). Isso se traduz em uma necessidade de punição que coaduna com as tendências masoquistas do Eu e que se comporta como prosseguimento da consciência moral, relativa à severidade com a qual o Supereu trata o Eu; o primeiro interioriza e assume uma porção de agressividade que fora direcionada aos investimentos objetais no tempo edípico – agora

dessexualizados perante o processo de identificação ²²–, acusando o segundo de ser conivente com os impulsos reprováveis do Id (Freud, [1923]/2010). Sem a pretensão de dar conta do complexo tema do par sadismo-masochismo, para não exceder o escopo dos objetivos deste trabalho, basta dizer que uma desagregação entre as duas formas de apresentação da pulsão resulta nesse quadro, delimitado pela atuação do Supereu como cultura pura da pulsão de morte (Freud, [1923]/2011). Em decorrência disso, o sofrimento não cede, porque se torna um objetivo em si, e a repetição substitui a recordação de forma maciça:

[...] o masoquismo moral, enquanto derivado do masoquismo original, está intimamente relacionado ao caráter imperativo da compulsão à repetição. O indivíduo repete de forma compulsiva designs alheios – no sentido de desprazer para o sujeito e prazer para o objeto – que sofre uma transformação no contrário; passando de vítima para algoz, portanto, faz vigente que todo crime merece um castigo (Paim Filho, 2010, p. 122).

Em face do exposto neste capítulo, nota-se que a delimitação do conceito da compulsão à repetição, definida por ser mais primitiva e mais pulsional que o princípio do prazer, possibilitou um avanço da práxis psicanalítica no sentido de fornecer esclarecimentos acerca de fenômenos clínicos até então enigmáticos. Além disso, com a subsequente concepção da pulsão de morte, a tendência do pulsional à conservação deslocou-se da ideia de um esforço de perpetuação na existência para o sentido de busca pelo retorno a um estado anterior, colocando a questão da repetição em primeiro plano, em sua apresentação mais radical. A atividade psíquica é, desse modo, percebida como marcada pela onipresença da repetição em seus processos, na medida em que, enquanto as pulsões constituem a base sobre a qual a vida mental se constitui, a repetição se verifica como a expressão mais pura da pulsão enquanto tal (Simanke, 2024). Identifica-se, portanto, que a repetição na obra freudiana adquire um estatuto de conceito no qual se entrecruzam várias noções psicanalíticas e que se constitui como lugar de passagem obrigatório de toda reflexão clínica (Kauffman, 1996). A compulsão à repetição leva às últimas consequências o fato de que, como denota Kauffman, “se trilharmos os caminhos abertos por Freud, teremos de concluir que a repetição faz parte da própria definição do inconsciente” (1996, p. 448).

²² A identificação representa a introjeção no Eu dos primeiros objetos da pulsão sexual, as figuras parentais, e é um mecanismo constitutivo do Supereu: “[...] a internalização do superego constitui um processo decisivo na constituição psíquica da criança, e o mecanismo responsável por esse acontecimento denomina-se identificação, procedimento pelo qual o sujeito se constitui e modifica-se pela assimilação de traços ou atributos das pessoas com as quais se relaciona” (Guimarães; Celes, 2007, p. 343).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como explicitado ao longo deste trabalho, o termo “repetição” assume uma polissemia dentro do corpo teórico freudiano, podendo ser estudado sob um viés que extrapola o âmbito de suas principais conceituações explícitas, isto é, da repetição em ato na transferência e da compulsão à repetição. No estatuto de uma das dimensões constitutivas da noção de inconsciente na teoria de Freud, a ideia de repetição pode ser articulada, por exemplo, ao retorno (do recalcado e ao inanimado), ao reencontro (sempre falho, com o objeto primário de satisfação), ao reinvestimento (dos traços mnêmicos), à regressão (às fixações infantis) e à reedição (do desejo). Aqui, sem a pretensão de esgotar a temática, pretendeu-se ampliar a significação do conceito em questão, a fim de apontar para uma certa lógica que permeia os processos do psiquismo e colocar em cena tudo aquilo que, sobretudo no campo da neurose, pode ser compreendido como constituído por uma dinâmica de repetição. Não se trata de defender uma identidade entre todas essas incidências, mas de aproximá-las enquanto parte de um mesmo funcionamento, delineado pela interação entre os diferentes sistemas e instâncias que integram o aparelho psíquico.

Para apresentar esta discussão, a sexualidade infantil foi abordada na interface com os mecanismos etiológicos da neurose, a fim de demonstrar o nexos entre a constituição do funcionamento neurótico e a repetição de modalidades de satisfação infantis que este inevitavelmente engendra. Elucidamos a máxima freudiana de que o neurótico mantém o estado infantil da sexualidade ou é remetido de volta a ele, perpassando conceitos como fixação, regressão e frustração, até chegar na exposição do processo de formação dos sintomas. O sintoma foi descrito sob a ótica de uma repetição disfarçada de certos modos interditados de satisfação, subsidiada pelo investimento regressivo nos padrões arcaicos da sexualidade, e foi trabalhado na qualidade de representação simbólica do conteúdo recalcado. Vimos que a constituição sexual deixa restos relativos à indestrutibilidade do material inconsciente, o qual permanece ativo e produzindo efeitos sobre a consciência indefinidamente, a despeito da passagem do tempo cronológico. Pudemos depreender, dessa maneira, que o retorno do recalcado assume a posição de marca fundamental da dinâmica repetidora da neurose.

Em seguida, permanecendo no campo das neuroses, os conceitos de repetição e de transferência foram observados sob diferentes enquadramentos. Foi possível notar a

relevância do tema da repetição já no período pré-psicanalítico da obra freudiana, quando Freud expõe o caráter repetitivo das operações funcionais do aparelho psíquico, como no conceito de “facilitação”, por exemplo. Constatou-se, aqui, a íntima relação entre a repetição e a natureza mesma da pulsão sob a perspectiva das repercussões da vivência de satisfação primária no psiquismo, a qual funda uma busca infindável pelo reencontro com o objeto perdido. Concluímos que a repetição seria, então, proveniente da insistência da pulsão em sua procura – de sucesso impossível – por uma satisfação absoluta. Ao mesmo tempo que essa impossibilidade mantém o movimento desejante, ela torna compulsória a abertura de outras vias de satisfação, que se revela sempre parcial. Da noção de que tal trabalho envolve um deslocamento do investimento pulsional para representações substitutas do objeto original, avançamos para a focalização do tema da transferência, em seu estatuto de repetição dos padrões arcaicos da sexualidade. Notamos que os modos de vinculação ao outro do neurótico são produzidos pela atualização de protótipos constituídos pelas marcas das relações primordiais da história do sujeito, o que se verifica também no laço transferencial com o analista. Neste ponto, foi possível vislumbrar alguns aspectos referentes à dupla função que a transferência assume no contexto analítico: de resistência e de motor do tratamento. O paciente não se lembra do recalado, mas o repete em ato no campo transferencial; essa é a sua maneira de recordação. Aqui, percebemos uma contemplação mais prática e aplicada do tema da repetição, que aparece agora na versão de atuação. Ao mesmo tempo que impede a reminiscência, a repetição evoca as tendências pulsionais relativas aos conflitos psíquicos que engendram o adoecimento, colocando-os no raio de ação do analista.

Finalmente, a repetição é discutida na sua manifestação compulsiva e “demoníaca”, quando assume uma posição privilegiada nas discussões freudianas. A análise de fenômenos que produzem desprazer repetidamente deflagra certos tensionamentos teóricos e desemboca na retificação das formulações até então instituídas acerca das características das exigências pulsionais, uma vez que, como observamos, a compulsão à repetição não somente independe do princípio do prazer, mas o precede e é condição para o seu estabelecimento. A repetição, neste momento, assume um estatuto elementar dentro da concepção do aparelho psíquico, sendo descrita como mais originária e mais pulsional do que o princípio do prazer. Como desdobramento dessa questão, tem-se a conceituação da pulsão de morte, a partir da qual Freud formula duas características primordiais da pulsão: o caráter restitutivo e o aspecto repetitivo. Percebe-se que o primeiro está intimamente relacionado ao segundo, ou seja, do caráter conservador da pulsão advém a tendência de compulsão à repetição. “Conservador”,

nesse contexto, adquire um sentido regressivo, ligado à meta de retornar a um estado anterior, que, levada às últimas consequências, implica retornar ao estado inorgânico. Notamos, assim, que a compulsão à repetição diz respeito à expressão mais pura da pulsão enquanto tal, o que justifica e evidencia a onipresença do tema da repetição nos textos freudianos.

No ímpeto do retorno, o que foi uma vez há de nos interpelar reiteradamente. Notamos que o desejo, mola propulsora do psiquismo, tem a repetição como operação constituinte e como dinâmica constitutiva. Constituinte uma vez que a repetição é condição de possibilidade da pulsão; é sob a busca por um reencontro que o desejo é fundado. E constitutiva porque é nesse movimento constante e reiterado que a pulsão se perpetua enquanto tal. A repetição é o modo pelo qual o desejo existe e insiste. É, igualmente, um modo primário de funcionamento do aparelho psíquico que se verifica indiferente ao caráter prazeroso ou desprazeroso do que faz retornar compulsivamente.

Como limitação no que tange aos resultados desta pesquisa, identificamos que, devido às restrições de extensão e de tempo as quais delimitam o trabalho, alguns conceitos que poderiam ser relevantes à análise do tema não foram discutidos. Posto que a revisão bibliográfica não pôde abarcar a obra freudiana em sua totalidade, não se trata de uma pesquisa que cumpre a função de esgotar todas as incidências, menções e possíveis articulações da repetição nos escritos de Freud. Objetivou-se, sobretudo, tratar das principais e mais evidentes manifestações da dinâmica repetitiva do psiquismo. Como exemplo de conceito significativo da teoria freudiana que excedeu o recorte estabelecido, temos a identificação. Certos autores, como Mezan (2013), trabalham uma articulação entre o mecanismo identificatório e a repetição: na medida em que o Eu assume os traços dos objetos primários e se oferece ao Id como objeto de amor, a identificação denota uma repetição das posições primordiais do desejo. Outro exemplo de item que poderia ter sido abordado é o conceito freudiano de angústia, descrita como uma repetição atenuada do trauma. Os chamados textos culturais freudianos, também, não foram incluídos no escopo da pesquisa. No entanto, podem ser igualmente articulados à questão da repetição, tendo em vista a tese de Freud de que, enquanto a embriogênese repete a história da espécie, o desenvolvimento psíquico repete a história cultural. Além disso, o autor trata da repetição enraizada na natureza da cultura em textos como “Totem e Tabu” ([1912-1913]/2012) e “Moisés e o Monoteísmo” ([1939]/2018).

Evidentemente, as possibilidades são múltiplas. Enquanto recorte diante de um vasto material, o percurso estabelecido por esta monografia buscou construir bases sólidas para

pesquisas futuras, tendo em vista também agregar um maior rigor teórico à minha formação. A amplitude que a temática alcança abre caminhos interessantes para que possamos elevar a discussão ao nível das questões da clínica contemporânea, marcada pelos excessos em derivas pulsionais, que espelham um laço social articulado em torno da vacilação das interdições simbólicas e organizado pela profusão de discursos de elogio à satisfação indiscriminada. Deixo, aqui, a minha expectativa pelos encaminhamentos dos esforços empreendidos neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ANTONELLO, Diego Frichs; HERZOG, Regina. **A memória na obra freudiana, para além da representação**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, vol. 64. n. 1, pp. 111-121, 2012.

BARATTO, Geselda. **Genealogia do conceito de transferência na obra de Freud**. Estilos da Clínica, São Paulo, vol. 15, n. 1, pp. 228-247, 2010.

BIRMAN, Joel. **Ensaio de teoria psicanalítica, parte 1: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

CAROPRESO, Fátima. **Compulsão à repetição: do “Projeto de uma Psicologia” ao “Além do princípio do prazer”**. Natureza Humana, São Paulo, vol. 8, n. 2, pp. 129-140, out. 2006.

COELHO DOS SANTOS, Tania. **Mecanismos psíquicos da formação dos sintomas: introdução ao caso Dora**. Transcrição de aula. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.isepol.com/down_estruturas_clinicas/3_estrutura.pdf>. Acesso em: 24/06/2025.

FREUD, Sigmund. (1893a). Casos clínicos: sra. Emmy Von N. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1893b). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1895). Projeto de uma Psicologia: psicopatologia. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 1: Textos pré psicanalíticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

_____. (1896). A etiologia da histeria. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 3: Primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

_____. (1900). **Obras completas, volume 4: A interpretação dos sonhos (1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. (1905a). Análise fragmentária de uma histeria. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de um caso de histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1905b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de um caso de histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1906). Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de um caso de histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905).* São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1912a). A dinâmica da transferência. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1912b). Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (contribuições à psicologia do amor II). *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“o Homem dos Ratos”), uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos .* São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. (1912c). Tipos de adoecimento neurótico. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1912-1913). Totem e tabu. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. (1913a). A predisposição à neurose obsessiva. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1913b). Princípios básicos da psicanálise. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1914). Recordar, repetir e elaborar. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1915a). A repressão. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1915b). Observações sobre o amor de transferência. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em*

autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1915c). O inconsciente. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 12**: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1915d). Os instintos e seus destinos. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 12**: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1917a). A fixação no trauma, o inconsciente. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1917b). A terapia analítica. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1917c). A transferência. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1917d). Considerações sobre desenvolvimento e regressão. Etiologia. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1917e). O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1917f). Os caminhos da formação de sintomas. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1917g). O sentido dos sintomas. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1917h). Resistência e repressão. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1919). O inquietante. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 14**: História de uma neurose infantil (“o Homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 14**: História de uma neurose infantil (“o Homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1923). O Eu e o Id. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 16**: o Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1924). O problema econômico do masoquismo. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 16**: o Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1926). Inibição, sintoma e angústia *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 17**: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1937a). Análise terminável e interminável. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 19**: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. (1937b). Construções na análise. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 19**: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. (1939). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 19**: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. (1940). Compêndio de Psicanálise. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 19**: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise**: uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. (1991). **Introdução à Metapsicologia Freudiana, volume 1**: Sobre as afasias (1891) e o Projeto de 1885. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. (1994). **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. (1995). **Introdução à Metapsicologia Freudiana, volume 3**: Artigos da metapsicologia. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GARCIA DE OLIVEIRA, Flavia Lana. A transferência na clínica psicanalítica com as neuroses contemporâneas. *In*: GARCIA DE OLIVEIRA, Flavia Lana *et al.* (org). **A atualidade dos quatro conceitos fundamentais de psicanálise**. Rio de Janeiro: Autorale, 2025.

GUIMARÃES DOS SANTOS; FORTES, Isabel. **Desamparo e alteridade**: o sujeito e a dupla face do outro. Psicologia USP, São Paulo, vol. 22, n. 4, 747-769, 2011.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin; CELES, Luiz Augusto M. **O Psíquico e o Social numa Perspectiva Metapsicológica: O Conceito de Identificação em Freud**. Psicologia. Teoria e Pesquisa, Brasília, jul-set 2007, vol. 23 n. 3, pp. 341-346

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2: a clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. (1964). **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. (1982). **Vocabulário da Psicanálise**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

LE POULICHET, Sylvie. **O tempo na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KAUFFMAN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

MEZAN, Renato. **Freud: a trama dos conceitos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MILLER, Jacques-Alain. **Percursos de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

NASIO, Juan-David. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PAIM FILHO, Ignacio Alves. **Compulsão à repetição: pulsão de morte “trans-in-vestida” de libido**. Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, vol. 44, n. 3, pp. 117-126, 2010.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. **A neurose obsessiva**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

RINALDI, Doris. Do sintoma ao sinthoma: recalque, repetição e gozo. In: CALDAS, Heloisa; DARRIBA, Vinicius (org). **Um século de metapsicologia: Freud e o seu legado conceitual**. Rio de Janeiro: PGPSA/UERJ, 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUDGE, Ana Maria. **Pulsão de morte como efeito do Supereu**. Ágora, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, pp. 79-89, jan./jun. 2006.

SIMANKE, Richard. **Repetição**. Londrina: Sinthoma, 2024.